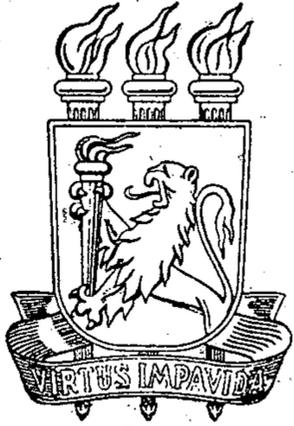


**Universidade  
Federal  
de Pernambuco**



---

**A IMPLANTAÇÃO DO  
PROTESTANTISMO NO  
RIO GRANDE DO NORTE  
(1879-1908)**

**WICLIFFE DE ANDRADE COSTA**

---

**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA  
RECIFE — 1988**

---

A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO

NO

RIO GRANDE DO NORTE

(1879 - 1908)

WICLIFFE DE ANDRADE COSTA

A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO

NO

RIO GRANDE DO NORTE

(1879 - 1908)

Dissertação apresentada ao Curso  
de Mestrado em História da Uni-  
versidade Federal de Pernambuco,  
para obtenção do grau de mestre.  
Orientador: Marc Jay Hoffnagel

R E C I F E

1 9 8 8

A Bianor e Dahil,

meus pais,

os primeiros a me ensinarem

os valores supremos da vida.

## AGRADECIMENTOS

À CAPES e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que me favoreceram na realização do curso e elaboração deste trabalho;

Ao Professor Marc Jay Hoffnagel, meu orientador. Às suas observações e sugestões cuidadosas e precisas, muito deve este trabalho sua feição atual;

A Aglália Garcia, autora de estudo biográfico sobre o missionário William Calvin Porter, que me forneceu a primeira pista das fontes para o estudo do presbiterianismo no Rio Grande do Norte;

Ao Rev. Paulo Viana, do Arquivo Presbiteriano em Campinas, e à Igreja Presbiteriana de Natal, que, através da sua liderança, me facultaram o acesso às fontes para a pesquisa;

Aos Professores Marlene da Silva Mariz e Alberto Pinheiro de Medeiros, chefes do Departamento de História da UFRN, que sempre demonstraram compreensão para com as minhas necessidades, durante o período de elaboração do presente trabalho;

A Marly Cavalcanti, atenciosa, eficiente e prestativa no exercício de suas funções, tendo sempre uma palavra de incentivo;

A Luiz Gonzaga de Oliveira Filho que, paciente e cuidadosamente, revisou a redação do texto;

Aos amigos que, acreditando em mim, representaram, cada um à sua maneira, fonte de apoio e estímulo para que este trabalho se tornasse realidade,

MINHA GRATIDÃO.

Finalmente, não posso esquecer que a oportunidade de ingresso no Mestrado em História assinalou um momento significativo de minha vida acadêmica, agora coroado com a elaboração da presente dissertação. Porém, há dimensões que o sobrepujaram. Entre elas a amizade de Eurico Eduardo, que vim a desfrutar à época do curso, e que tanto tem enriquecido a minha vida.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	6
INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO I	
CONTEXTO HISTÓRICO DA PENETRAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL .....	11
CAPÍTULO II	
ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DE NATAL .....	34
CAPÍTULO III	
A MENSAGEM PROTESTANTE NUMA SOCIEDADE EM MUDANÇA .....	53
CAPÍTULO IV	
A AFIRMAÇÃO DA IGREJA PROTESTANTE PERANTE A SOCIE- DADE NATALENSE .....	75
CAPÍTULO V	
A CRÍTICA PROTESTANTE À IGREJA CATÓLICA ROMANA .....	99
CONCLUSÃO .....	122
BIBLIOGRAFIA .....	126

## RESUMO

O trabalho **A Implantação do Protestantismo no Rio Grande do Norte (1879-1908)** procura analisar, num caso particular, as circunstâncias explicativas da penetração e fixação dessa forma religiosa no Brasil. Inicialmente são identificadas as condições gerais do país, na época em que se intensificou a propaganda do protestantismo, e que favoreceram a sua expansão. À abordagem dos métodos empregados pelos protestantes para divulgação das doutrinas e formação de suas comunidades, segue-se uma análise dos aspectos da sua mensagem que explicam a adesão, ao protestantismo, de indivíduos procedentes, em sua maior parte, de certos setores sociais. São, igualmente, explicitados os mecanismos mediante os quais os protestantes buscam legitimar e afirmar a sua presença, numa sociedade onde ocupam posição minoritária. E, ao final, se aborda a representação, feita pelos protestantes, da Igreja Católica Romana, como parte de sua política de implantação e consolidação nas terras norte-rio-grandenses.

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A religião, como fenômeno social, sempre tem sido objeto de estudo de sociólogos, antropólogos e historiadores. Em se tratando da religião protestante no Brasil, tema ao qual se liga nosso trabalho, muitos já procuraram fazer análises sociais e históricas verazes.

Propõe-se o trabalho, que ora apresentamos, a analisar o modo pelo qual veio a se implantar o protestantismo em uma região específica: o Rio Grande do Norte. Buscamos elucidar na nossa análise histórica o contexto político, econômico e social do país, no momento em que a propaganda protestante penetrou no Brasil e essa modalidade religiosa se inseriu definitivamente na sociedade brasileira. Não temos pretensão de apresentar um estudo definitivo do tema, senão oferecermos uma pequena contribuição para o conhecimento do fenômeno religioso em um caso particular.

Entre os autores de maior relevância que trataram do protestantismo no Brasil, podemos nos referir, inicialmente, a Emile-Guillaume Léonard. Quando lecionava na Universidade de São Paulo, este historiador elaborou uma das mais importantes obras de eclesiologia e história social do protestantismo brasileiro. Mais recentemente, merecem referência os trabalhos de Rubem Alves, Antônio Gouvêa Mendonça e Boanerges Ribeiro. Suas obras abordaram a igreja protestante em

geral ou algumas de suas modalidades, privilegiando o Centro-Sul do país, ou enfocando o tema sob um aspecto diferente do que foi adotado por este trabalho. Queremos, portanto, ao estudar a implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte, preencher uma lacuna existente na historiografia regional, e contribuir, mesmo que modestamente, para a complementação dos trabalhos que têm abordado o tema do protestantismo de forma mais globalizante.

Na perspectiva do nosso trabalho, o protestantismo está inserido em um contexto de mudanças pelas quais passou o Brasil, na segunda metade do século XIX e o início do século XX. O nosso objetivo central é investigar as possíveis relações existentes entre as atitudes e comportamentos dos segmentos sociais envolvidos nessas transformações e as doutrinas e práticas trazidas pela mensagem protestante. Buscamos entender como, no âmbito das diversas categorias sociais, a mensagem e a ética protestante encontraram espaços nos quais penetrassem, de modo que o protestantismo veio a representar uma alternativa religiosa no país. Em suma, pretendemos identificar os fatores sociais, políticos, religiosos e econômicos da sociedade brasileira que contribuíram para que alguns setores se filiassem, em número significativo, ao protestantismo, uma religião "alheia" à realidade brasileira até ao período referido.

O presente trabalho pressupõe que qualquer grupo religioso sob estudo pode ser tomado como um espaço social e ideológico, no qual os fiéis desenvolvem e/ou reforçam representações acerca das suas relações com os outros elementos que compõem a realidade, isto é, aí eles desenvolvem / reforçam uma certa "visão do mundo", que atua como pauta de sua inserção na sociedade.

Cabe esclarecer que, nos limites do nosso estudo sobre o protestantismo no Rio Grande do Norte, a análise se circunscreveu à igreja presbiteriana. Isto se explica pelo *Os primeiros do grupo protestante até o séc. XX.* fato de ter sido este o primeiro grupo protestante a penetrar no estado e o único a se instalar definitivamente como igreja até as primeiras décadas do século XX.

Quanto à sua estruturação, o trabalho se divide em cinco capítulos. O primeiro discute a conjuntura nacional e exterior que veio a favorecer a penetração missionária protestante no Brasil.

O segundo capítulo enfoca o Rio Grande do Norte, procurando distinguir as estratégias de difusão do presbiterianismo neste estado, culminando com a organização da Igreja Presbiteriana de Natal.

A análise do terceiro capítulo aborda a relação entre os conceitos teológicos e éticos da mensagem protestante e as atitudes e comportamentos dos segmentos sociais ligados ao processo de "modernização" do país.

No quarto capítulo são tratados os mecanismos de afirmção na sociedade, utilizados pelos protestantes, que procuravam se apresentar ligados às forças "progressistas" do País.

O perfil da Igreja Católica Romana, tal como foi traçado pelos protestantes, é abordado no quinto capítulo, objetivando compreender o forte traço anti-romanista que sempre foi um elemento definidor da identidade do protestantismo nacional.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DA PENETRAÇÃO  
DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

## CONTEXTO HISTÓRICO DA PENETRAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

A propaganda protestante que, no século XIX, atingiu quase toda a América Latina, em poucos países encontrou tão fácil aceitação como no Brasil. Este fato não se explica pela qualidade dos propagandistas, tampouco pelos métodos que eles usavam, já que estes eram basicamente iguais em todo o continente, mas antes parece estar relacionado com as próprias circunstâncias do país. Nas condições sociais e religiosas do Brasil, o protestantismo não tardaria a aparecer. A presença missionária estrangeira se tornaria elemento catalizador de um processo já latente no seio da própria sociedade. Em termos religiosos, em alguns segmentos sociais, se expressava o desejo de uma reforma na religião do país, adequando-a ao processo de "modernização" do Brasil.

A segunda metade do século XIX, no Brasil, é marcada por uma série de transformações. É nessa fase de mudanças que o protestantismo se implanta definitivamente em território brasileiro, encontrando, nas transformações ocorridas, as circunstâncias favoráveis para a sua penetração na sociedade.

Inicialmente destacamos o crescimento das cidades nesse período, nas quais se ampliam as classes médias da população.<sup>1</sup> No final do século XIX, o desenvolvimento do com-

plexo agrário-mercantil e o alargamento do setor público, com a implantação e consolidação da República, favoreceram a absorção, na burocracia civil e na categoria militar, de grupos ligados à exploração rural. No Nordeste, o processo de concentração fundiária pressiona a transferência de famílias proprietárias para as cidades, onde fornecerão os contingentes principais do funcionalismo público, formarão os grupos profissionais dito liberais, os empregados de indústrias e comércio, e os proprietários de pequenos negócios. Deste modo, às "antigas classes médias" - pequenos comerciantes, artesãos, pequenos industriais, alfaiates, carpinteiros e sapateiros - se unem as "novas classes médias". Estas são formadas pelos intelectuais, profissionais "liberais" - advogados, médicos, engenheiros, professores, jornalistas - e pelos funcionários públicos, ligados ao crescimento da burocracia dos serviços públicos como resultado de um processo de ampliação da interferência do Estado na economia, extensão da área geográfica efetiva na qual a ação governamental se exercia e pela dilatação do sistema administrativo do país.<sup>2</sup>

Na fase imperial, a presença da escravidão fazia a classe média viver uma situação contraditória, definida, simultaneamente, pela consagração de sua superioridade social (enquanto "homem livre") diante do trabalhador escravo, e pela sua desvalorização enquanto trabalhador. Essa classe média luta então pela instalação do Estado burguês e a adoção do direito burguês. Este traria o igualitarismo jurídico, onde os membros de todas as classes sociais seriam convertidos em "sujeitos de direitos" ("cidadãos"), extinguindo-se a escravidão. Neste caso, os trabalhadores intelectuais podiam "provar" sua superioridade no plano das capacidades ("dons"

e "méritos") aos indivíduos que exerciam tarefas manuais, que detinham uma posição social inferior por serem individualmente menos capazes.<sup>3</sup> Portanto, o programa de mudanças da classe média era assaz restrito. A conquista de prerrogativas que lhe dariam *igualdade jurídica* deveria se fazer nos limites da "ordem". Essa categoria não pretendia o nivelamento social, nem lutou pela repartição da grande propriedade ou por qualquer programa de socialização dos meios de produção.

Os setores médios urbanos não chegaram a assumir uma posição politicamente autônoma. Suas aspirações, às vezes, divergiam ou se opunham à configuração do poder das oligarquias. Porém, não havia antagonismo efetivo ao nível dos interesses econômicos objetivos entre as duas categorias. As classes médias urbanas tendiam a assimilar os valores dos grupos dominantes mais progressistas, limitando-se a interpretar o ponto de vista desses setores nas reivindicações "modernizantes": república, reforma do ensino, instituição do casamento civil, e separação entre a Igreja e o Estado.<sup>4</sup>

Como explica Paulo Sérgio Pinheiro, a urbanização é um processo que ocorreu à sombra do fortalecimento da economia agrário-exportadora, que, a longo prazo, conformará o Estado à sua própria imagem. Neste caso, a própria burocracia, o aparelho do Estado, refletirá a dependência das classes médias ao projeto do bloco no poder sob a hegemonia das classes dominantes agrário-exportadoras. O processo de urbanização não traz, de imediato, a possibilidade do exercício da autonomia na prática política por parte da classe média. "A cidade se desenvolve dentro da dinâmica do sistema agrário-exportador: essa situação marcará a ambiguidade das classes médias urbanas, submetidas à dupla influência dos laços de de

pendência com as oligarquias e à ilusória autonomia que a participação nos serviços comerciais ou na burocracia do Estado pode dar a seus membros".<sup>5</sup> Como ressalta Décio Saes, essa dependência das classes médias se define principalmente pelo "favor", tal como foi tratado por Maria Sylvia de Carvalho Franco e Roberto Schwarz. Os profissionais liberais dependiam do "favor" das classes dominantes para o exercício de sua profissão, e igualmente os funcionários do Estado, para conquistar e manter um posto. Essas relações de favor entre a classe média e as classes dominantes eram possibilitadas pelo caráter pré-burguês do aparelho do Estado, bem como pela pequena extensão da rede comercial, bancária e de serviços pessoais. Os cargos no Estado, os empregos não-manuais no comércio e nos bancos, e as profissões liberais eram preenchidos em grande parte pelos membros das famílias de proprietários.<sup>6</sup>

Os laços sociais e econômicos que uniam as classes médias aos grupos dominantes contribuíram para o conservadurismo político e social daquela categoria durante a Primeira República. O fim da ditadura militar, em 1894, marcou o princípio da hegemonia da burguesia cafeeira de São Paulo, no seio da classe dominante agrária e, ao mesmo tempo, a implementação de um sistema político oligárquico. A nova "democracia representativa" consagrou, além do presidencialismo, o regime do sufrágio universal. Porém, com a interdição do voto aos analfabetos, a democracia nascente definia-se logo como elitista e limitada, privativa dos proprietários de terras e de uma fração das populações urbanas. A classe média deu o seu apoio a esse "novo modelo de exclusão política", temerosa do nivelamento social e da proletarização. Os seus interesses não iam além da participação na vida política. Pa

ra a classe média, o exercício da prática política, enquanto puro símbolo de prestígio social, era sua maior aspiração política. Influenciada pelo liberalismo individualista da classe média britânica, a classe média no Brasil buscava afirmar a sua superioridade com relação à classe operária, e o conceito de igualdade democrática não fazia parte dos seus planos.<sup>7</sup> Na Primeira República, portanto, a classe média brasileira não exerceu um papel revolucionário democrático. Ela partilhava da desconfiança existente por parte da classe média britânica contra o operariado. Permitida a sua participação no quadro político da República, a classe média atuou sempre no sentido de compor com as classes dominantes. Sem promover transformações que pudessem pôr em risco a pauta de dominação vigente, a classe média tratava de fortificar-se nas posições conquistadas e defender-se contra futuras ameaças. As suas tentativas de mudanças na estrutura da sociedade inspiravam-se nos ideais liberais, mas sua prática se situava dentro dos limites do liberalismo oligárquico, sem criar condições para que as massas populares interviessem no processo de mudança política.<sup>8</sup>

Esses conceitos liberais da classe média brasileira combinavam bem com o individualismo. Confessando a sua crença na capacidade de realização do indivíduo, a classe média lutava por uma maior amplitude da liberdade individual. Como mostra Richard Graham, este liberalismo da classe média deixou de lado os problemas relativos à liberdade e soberania populares e demonstrou pequeno interesse pelos mesmos. Perseguiu-se "não a Liberdade, mas sim desejavam 'liberdades' que seriam apenas teoricamente concedidas a todos". Entre essas estava a liberdade civil, de associação, de consciência, de religião, enfim, as condições que permitissem ao

indivíduo a realização de todo o seu potencial. As leis deveriam assegurar o gozo dessas liberdades individuais. Garantidas estas a nível pessoal, cada homem seria o responsável pela sua posição social, pois esta deveria se modificar de acordo com os resultados obtidos pelo esforço individual. A isto se juntava a confiança no valor do trabalho e o seu corolário: a eficiência da educação técnica e prática.<sup>9</sup>

Ligada ao aspecto do individualismo está a defesa da capacidade pessoal como critério para o preenchimento dos cargos públicos. Por terem acesso à educação formal, facilitado pelas relações familiares com as categorias dominantes, as classes médias vão fornecer os maiores contingentes de funcionários para a burocracia do Estado. A classe média formada pelos grupos "destituídos", a estrutura econômico-social urbana reservou os melhores cargos da burocracia de Estado, as profissões liberais, os postos de direção na administração privada. Em contrapartida, esses grupos serviam de sustentáculo à dominação da oligarquia agrária.<sup>10</sup>

O ideal do liberalismo individualista significava um rompimento com as velhas tradições. Numa comunidade tradicional, o indivíduo isolado não tem o menor significado ou importância, e seus direitos estão em razão direta da posição que ocupa dentro de uma comunidade estática e sem qualquer modificação importante. O liberalismo da classe média visava a destruir ou anular os antigos hábitos tradicionais, libertando o indivíduo da força opressora da tradição. Não deveria haver privilégios de grupos ou indivíduos, senão os direitos conquistados pelo esforço individual.

Esse rompimento com a tradição, pregado pelo liberalismo individualista, tinha uma dimensão social expressa na ideologia do progresso, difundida no século XIX. Os gru-

pos ligados às novas atividades econômicas, e que viviam nas aglomerações urbanas, rejeitavam o tradicionalismo e o imobilismo da sociedade brasileira, adotando os conceitos europeus da inevitabilidade do progresso. As mudanças sociais eram inevitáveis e conduziriam a sociedade ao progresso material, intelectual e espiritual. Esta crença no progresso irresistível era professada juntamente com a fé na ciência. Para os adeptos da ideologia do progresso, este dependeria da divulgação do conhecimento científico; e a inexorabilidade do progresso era defendida com fundamentados apelos à irresistível força da ciência.<sup>11</sup>

Nesse mundo de transição, o protestantismo vai encontrar o ambiente mais propício para sua difusão e aceitação na sociedade brasileira. Acreditando na liberdade individual, na realização pessoal, no progresso social, segmentos das camadas urbanas encaravam a Igreja Católica Romana como sustentáculo da antiga ordem e, portanto, como um obstáculo à modernização do país. Assim, havia nítida consonância entre os valores das classes médias e os valores pregados pelo protestantismo no Brasil. E, para as categorias diretamente envolvidas nos processos de mudança o protestantismo era portador de valores mais modernizantes, se comparado com a religiosidade católica romana.

A penetração do protestantismo no Brasil foi também favorecida pela situação religiosa do país na época. Enfrentando dificuldades em suas relações com o Estado imperial e problemas na sua organização interna, a Igreja Católica Romana se mostrava pouco capaz de opor uma resistência eficiente à propaganda missionária protestante.

No relacionamento com o Estado, havia a influência dos líderes liberais, em grande parte de tendência anti-cle-

ricalista que se opunham à política do clero ultramontano dentro da Igreja Católica e, conseqüentemente, ao "papismo". Além do fato de a elite política optar por uma posição regalista com respeito às relações entre a Igreja e o Estado.

Internamente, a reclamação de uma porção do clero por um maior grau de autonomia para a igreja nacional, o desprestígio do clero, o esvaziamento da Igreja como instituição, a proliferação das devoções populares e o nascente interesse pela leitura da Bíblia prepararam certos ambientes para aceitarem com avidez uma pregação evangélica, simples e direta, viesse ela donde viesse.

Era notória a insuficiência numérica do clero secular para atender às necessidades de assistência religiosa das populações. Em todas as províncias ouviam-se queixas da falta de sacerdotes para preencherem os cargos da hierarquia eclesiástica. Decrescia o número de vocações, trazendo uma sobrecarga de trabalho para os que estavam atuando nas diversas paróquias. Da parte das autoridades imperiais, as acusações eram de falta de zelo e mau desempenho das funções paroquiais. As razões alegadas para esta redução numérica eram o descrédito popular da vocação sacerdotal e a mesquinhez da cõngua concedida pelo Governo imperial.<sup>12</sup>

O nível intelectual e moral do clero também deixava a desejar. Apesar do esforço de alguns prelados em suas dioceses no sentido de elevar o nível do clero, a situação geral era lastimosa. A instrução oferecida nos seminários brasileiros era imperfeita e mal ordenada, devido à falta de professores com as habilitações desejáveis e às deficiências herdadas de épocas anteriores. O Governo imperial não se mostrava favorável a medidas que viessem mudar esta situação, sendo acusado pelo clero de má vontade em relação aos

negócios religiosos, ora reduzindo o ensino nos seminários, ora tomando medidas para limitar o mais possível o número de sacerdotes.

Apesar do esforço constante, no período do Segundo Império, de uma reforma sacerdotal, o clero brasileiro não se distinguia por um zelo particular no desempenho de suas funções religiosas. Muitas vezes envolvidos em negócios seculares, até por necessidade de sobrevivência econômica, os padres descuidavam-se de suas atividades pastorais.<sup>13</sup> Nos relatos dos viajantes estrangeiros proliferam as referências à dissolução dos costumes, com violações do celibato obrigatório, e ao indiferentismo religioso de uma parte dos sacerdotes do Brasil. O pior dos retratos, no entanto, está nos relatórios de alguns nuncios pontificais, na primeira metade do século XIX, e do secretário da nunciatura, Domenico Constantini, que traçam um quadro negro da situação eclesiástica do país. Tal opinião chegou a ser expressa pelo próprio Pio IX, com relação ao clero brasileiro.<sup>14</sup>

As pretensões de reforma no seio da Igreja também dividiam internamente a hierarquia católica romana. De um lado estava o clero herdeiro de tradições liberais e democráticas, - nas palavras de Roque Spencer - "mais frequentadores das letras francesas do que das latinas, mais versados na literatura profana do que nas obras pias".<sup>15</sup> Muitos desses clérigos receberam educação teológica na Universidade de Coimbra, tendo sido marcados pela mentalidade regalista. Não era rara entre eles a aceitação do primado do poder civil sobre o poder religioso, apoiado na tradição lusitana, sobretudo à época de Pombal. Para estes, uma reforma na Igreja deveria tomar como ponto de partida a realidade brasileira de um clero não-celibatário e pouco distinto dos leigos. Era a de-

fesa do catolicismo tradicional e patriarcal praticado no Brasil, marcadamente nacional, com ampla participação leiga, incluindo as manifestações espontâneas do povo, que fazia das comemorações religiosas acontecimentos sociais de caráter festivo, lúdico.<sup>16</sup>

De outro lado, estava o clero ultramontano, que defendia a primazia do poder espiritual sobre o poder temporal. Esta posição se fortaleceu durante o pontificado de Pio IX (1846-1878), de caráter marcadamente ultramontano. Os clérigos brasileiros, ultramontanos que, até então, não tinham sido suficientemente fortes para iniciarem uma ação reformista, empenharam-se em restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé, e remodelar o corpo eclesiástico, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarta. O objetivo era "romani-zar" o catolicismo nacional, implantando no Brasil o "catolicismo universalista" de Roma, com toda a rigidez hierárquica, moral e doutrinária que tal projeto implicava. O plano reformista ultramontano afirmava a igreja institucional com o fortalecimento da autoridade episcopal, insistindo no caráter sagrado e espiritual da pessoa do padre. Na pastoral a preocupação era combater as chamadas superstições das expressões religiosas populares. A religião se tornava formal, sacramental e, conseqüentemente, clerical. Essa integração sistêmica da Igreja brasileira, no plano institucional e ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica Romana, dirigida de Roma, dependia em grande parte de padres estrangeiros.<sup>17</sup> Na área da educação teológica, esse clero se esforçava para que os professores de teologia, no Brasil, estudassem em Roma e na França, onde seguiam a orienta

tação chamada "ultramontanismo". Para os que lutavam pela "romanização" do catolicismo brasileiro, "ortodoxia" então significava, de modo especial, oposição ao jansenismo, ao galicanismo, ao regalismo e ao liberalismo. Desse modo, transplantava-se para o Brasil a controvérsia liberal e ultramontana, que agitava os países católicos da Europa.<sup>18</sup>

Da parte dos liberais em luta contra o ultramontanismo, a Igreja do Brasil era vista com hostilidade por causa da crescente aproximação e dependência para com a Sé romana. Bem expressiva dessa luta, liberalismo versus ultramontanismo, é a declaração de Saldanha Marinho: "Escolhamos liberdade ou fogueira; constituição política ou *Syllabus*; liberdade de consciência e de cultos, ou Igreja privilegiada, audaciosa, caprichosa, intolerante; chefe nacional ou Pio IX; liberal ou ultramontano; Brasil ou Roma".<sup>19</sup> Para os liberais, portanto, a Igreja Católica Romana representava a antítese do progresso, da liberdade, da civilização moderna.

A Igreja Católica Romana em sua estrutura oficial exercia uma influência bastante limitada sobre as massas populares. Os contatos destas com a religião oficial eram limitados às festas dos dias santificados, e aos feriados importantes, ocasião em que se realizavam procissões solenes e comemorações sociais nos centros urbanos. Desse modo, o número insuficiente de padres, combinado a uma profunda ânsia de expressão religiosa, deu lugar a certos tipos de devoção leiga, muito próximas ao "sacerdócio universal" do protestantismo, e nas quais a figura do padre era perfeitamente prescindível. Nos lares, a família costumava reunir-se junto ao oraratório para a reza do terço. Muitas irmandades e ordens terceiras, constituídas por leigos, assumiam a promoção do culto, construção de capelas e santuários. As romarias, procis-

sões e devoções a alguns santos populares ficavam fora do controle eclesiástico. Festas religiosas tradicionais como a "folia dos Reis", a "folia do Divino" e o ciclo junino possuíam uma tônica profundamente leiga, onde a presença do padre só se fazia sentir na celebração da missa e no sermão, quando a festa o comportava.<sup>20</sup>

As práticas de piedade populares, através das quais eram apreendidos conceitos religiosos, estimulavam um caráter religioso individualista e autônomo. As devoções familiares proporcionavam um ensino religioso, se bem que precário, isento da intervenção da Igreja, o que foi de imensa importância, quer na apreensão das verdades religiosas, quer pelo papel preparatório que desempenhou para o advento de uma concepção leiga da religião, como a trazida pelos protestantes reformados. "As práticas de devoção particular, no seio de excelentes famílias brasileiras, abriram muitos corações ao protestantismo, em época recente".<sup>21</sup>

Examinando esta situação religiosa do país (Igreja oficial X religiosidade popular), Roque Spencer de Barros chega a afirmar "não ser realmente católica a imensa maioria da população nacional" no Brasil Império, pois, enquanto o "país legal" se declarava católico, o "país real" movia-se inteiramente à margem da fé romana, distante do que se poderia definir como catolicismo na época de Pio IX: "Nem os imperadores, nem os homens cultos, nem o clero, nem o povo poder-se-iam definir como católicos, na acepção exata do termo, embora católicos se declarassem todos eles".<sup>22</sup>

Se as estruturas e condições internas do Brasil prepararam o ambiente para a implantação do protestantismo, a conjuntura internacional também foi favorável ao crescimento missionário protestante.

A consolidação e o crescimento do capitalismo, especialmente nos Estados Unidos da América, onde a Guerra Civil (1861 - 1865) afirmou a hegemonia de uma burguesia industrial e comercial, de cunho expansionista, proporcionava condições para a exportação das doutrinas protestantes para a América Latina. Naquele país, desde meados do século XIX, a religião serviu como instrumento ideológico para justificar a expansão econômica no estrangeiro, cujo interesse se manifestara crescentemente entre os capitalistas a partir de 1840.

*O enriquecimento dos Estados Unidos exacerbou o seu expansionismo e a sua belicosidade. A tendência para o messianismo nacional, a idéia do povo eleito por Deus, que o judaísmo legou aos puritanos, atualizou-se, americanizou-se e assumiu o nome de "destino manifesto". Um movimento denominado **Young America** (Jovem América), que pretendia levar à Europa a Democracia e a República, surgiu dentro do Partido Democrático e empolgou o país. Todas as doutrinas serviam para justificar a expansão econômica e política: predestinação geográfica, tarefa de regeneração, alargamento da área da liberdade etc. O nacionalismo e o expansionismo beiravam nos Estados Unidos, as raias do delírio.<sup>23</sup>*

Ideologicamente, esta política de influência sobre a América Latina era vista como parte duma missão divina, destinada a assegurar a propagação dos ideais norte-americanos em particular, e da civilização anglo-saxônica em geral.

Nesse contexto ideológico o protestantismo e o "progresso" se entrelaçavam. Não é de estranhar que assim ocorresse porque um dos traços dominantes da auto-identidade

dos Estados Unidos no século XIX era a profunda identificação do protestantismo com a "democracia de classe média" e com o capitalismo. A crença geral era de que a força dos Estados Unidos decorriam, em grande parte, da sua condição de país protestante. A grandeza da nação se devia ao fato de ter sido aquele território colonizado por protestantes, cujo espírito liberal impregnara a nação de moralidade, amor ao trabalho, inteligência, consciência da dignidade e da liberdade intrínseca à pessoa humana. Entre os norte-americanos imperava a idéia de que a religião e a civilização estavam unidas na visão da América cristã. Esta certeza era reforçada pelo orgulho nacionalista diante dos indicadores crescentemente visíveis da vitalidade doméstica do país e da posição que passava a ocupar no panorama internacional.

Desse modo renascia o ideal que marcou a transferência dos "peregrinos" para a América. O protestantismo americano do século XIX cria na possibilidade de forjar uma civilização cristã segundo o modelo protestante. A oportunidade, agora, de ver esta realidade transbordar-se para além das fronteiras americanas vai servir de base para a empresa missionária. Encorajava-os a certeza da veracidade da sua definição do mundo e da aplicabilidade universal do seu modelo de civilização.

*Buscava-se um modelo de sociedade, e a certeza de tê-lo encontrado estava na mente da maioria, assim como a convicção de que esse modelo devia, no espírito do evangelho, ser compartilhado com todas as nações para que se abreviasse a vinda do Reino de Deus. O ideal do milênio surge no fim de um processo de construção social de que todos deviam participar no mundo inteiro e sob a inspiração e a liderança americanas.<sup>24</sup>*

Para os norte-americanos o mesmo comissionamento outorgado aos judeus através de Abraão se transferia agora para os Estados Unidos, num messianismo nacional direcionado para a redenção política, moral e religiosa do mundo. Durante todo o século XIX predominava a firme crença na superioridade do protestantismo anglo-saxão em geral, e das estruturas políticas e econômicas norte-americanas em particular. Para alguns, os Estados Unidos se constituíam na mais alta expressão da civilização anglo-saxônica. Assim, nessa época, o protestantismo americano, com sua vasta empresa religiosa e educacional, veio a se tornar o melhor e mais eficiente fio condutor desta ideologia expansionista, preparando e abrindo caminho para o expansionismo político e econômico daquele país. Na mente de alguns expansionistas a Providência divina freqüentemente adotava métodos indiretos de chegar a seus fins e, naquele momento, parecia que a vontade divina atuava através dos Estados Unidos como seu instrumento.

Para os industriais e financistas norte-americanos interessados no controle econômico ultramarino, a América Latina representava um mercado para investimento lucrativo de capitais disponíveis e um mercado adicional para consumo de sua crescente produção industrial. Estes capitais chegavam sob a forma de empréstimos e, principalmente, sob a forma de investimentos em obras públicas (estradas-de-ferro, energia elétrica, serviços de gás, transportes urbanos) e atividades primárias (extrativas ou agrícolas). No Brasil, os primeiros investimentos americanos datam da década de 1860. Nessa época empresas norte-americanas obtiveram concessões para explorar linhas de carris no Rio de Janeiro.<sup>25</sup>

Os termos do relacionamento comercial com os Estados Unidos também se definiram na década de 1860. A economia

brasileira estava mais e mais atrelada a um único produto: o café. E, quanto mais o Brasil dependia do café, tanto mais aumentava sua dependência comercial aos Estados Unidos, uma vez que na Europa, por volta de 1870, o consumo de café estava, comparativamente, estacionário, enquanto que os americanos chegavam a absorver 75% da exportação brasileira. Politicamente aumentava também a influência dos Estados Unidos sobre as decisões do Império brasileiro.<sup>26</sup>

A classe média brasileira de tendência liberal olhava com simpatia os Estados Unidos. Esse país era visto como modelo do liberalismo e do progresso econômico. Alguns defendiam, inclusive, o livre comércio com os Estados Unidos, que poderiam oferecer manufaturas melhores e mais baratas que as da Inglaterra. Nos anos que se seguiram à proclamação da República, a situação política do país foi ainda mais favorável aos interesses norte-americanos.

Aproveitando-se, portanto, do prestígio da civilização anglo-saxônica, tida por superior à dos países latinos, assim como da ânsia de uma cultura religiosa liberal, não-autoritária, que se manifestava em setores significativos da sociedade brasileira, as missões protestantes norte-americanas intensificaram a propaganda religiosa no Brasil, com o envio de grande número de missionários.<sup>27</sup>

Em 1835, a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos enviou o ministro Fountain E. Pitts à América do Sul, para verificar a possibilidade de um trabalho missionário. Pitts chegou ao Brasil em agosto daquele ano, e, como resultado do seu relatório, os metodistas encarregaram Justin R. Spaulding de estabelecer um trabalho mais permanente no Rio de Janeiro. Em 1837 novo missionário metodista chegava ao Brasil, Daniel P. Kidder, que também

trabalhava para a Sociedade Bíblica Americana, divulgando as Escrituras Sagradas em língua portuguesa.

Também como agente da Sociedade Bíblica Americana veio para o Brasil o pastor presbiteriano James Cooley Fletcher. Por sua influência desembarcou no Brasil, em 1855, o Dr. Robert Reid Kalley, responsável pela organização da primeira "igreja de missão" em território brasileiro: a Igreja Evangélica Fluminense.

Os presbiterianos estabeleceram trabalho permanente após 1859, quando a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América (presbiterianos do norte) enviou o Rev. Ashbel Green Simonton ao Rio de Janeiro. Até o final da Guerra Civil, somente dois outros missionários presbiterianos chegaram ao Brasil: Alexander Blackford (1860) e Francis Schneider (1861). Os presbiterianos do sul enviaram seus primeiros missionários em 1867: George Nash Morton e Edward Lane. Até o fim do Império foi a Igreja Presbiteriana a que apresentou maior crescimento. Na década de 1880 a 1890 as duas missões presbiterianas decidiram pela junção dos esforços, vindo a formar o Sínodo Brasileiro. Missionários ligados ao comitê missionário de Nashville e de New York, juntamente com os pastores nacionais, reuniram-se no Rio de Janeiro, entre 30 de agosto e 19 de setembro de 1888, organizando o Sínodo. Por essa ocasião, esta denominação contava no Brasil com 20 missionários estrangeiros e 12 pastores nacionais. Entre 1859 e 1889, as duas missões norte-americanas enviaram para o Brasil 45 missionários, contando os que trabalhavam na evangelização propriamente dita e os educadores.<sup>28</sup>

Os primeiros missionários batistas chegados no Brasil para iniciarem um trabalho entre brasileiros foram William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, sua esposa. Chegaram ao Rio

de Janeiro em 1881. No ano seguinte veio o casal missionário Zachery Clay Taylor e Kate Grawford Taylor. Depois de conhecerem melhor as condições do país, esses missionários escolheram instalar a primeira missão batista na Bahia. Disto resultou a constituição da 1.ª Igreja Batista na capital da província em 15 de outubro de 1882.

## N O T A S

- ( 1 ) Com relação à classe média e seus valores, o material deste trabalho tem por base, principalmente, Paulo Sérgio Pinheiro, Décio Saes e Richard Graham, conforme as notas que se seguem.
- ( 2 ) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Bôris, dir. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978. (História Geral da Civilização Brasileira, 9). p. 16. Ver também: SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo, T.A. Queirôz, 1984. (Biblioteca básica de ciências sociais; série 1: Estudos brasileiros, 6). p. 14.
- ( 3 ) SAES, Décio. *A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (Estudos brasileiros, 86). p. 292-300.
- ( 4 ) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p. 27. COSTA, Emília Viotti da. A urbanização no Brasil no século XIX. In: ———— *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.
- ( 5 ) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p. 22-23. COSTA, Emí-

lia Viotti da. Op. cit.

- (6) SAES, Décio. *A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)*. p. 289-290.
- (7) SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. p. 16, 43, 44, 47, 48, 61. GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1973. p. 262, 266, 285.
- (8) SAES, Décio. *Classe média e sistema político*. p. 57. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p. 34-36, GRAHAM, Richard. Op. cit. p. 263.
- (9) GRAHAM, Richard. Op. cit., passim.
- (10) PINHEIRO, P. Sérgio. Op. cit. p. 21, 33, 34. SAES, Décio. *Classe média e sistema político*. p. 43, 52.
- (11) GRAHAM, Richard. Op. cit. p. 241-244.
- (12) LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP/ASTE, 1981. p. 29. HAUCK, João Fagundes, et alii. *História da igreja no Brasil: a igreja no Brasil no século XIX*. Petrópolis, Vozes, 1980. (História Geral da Igreja na América Latina, II/2). p. 192.
- (13) HAUCK, João F. Op. cit. p. 87.
- (14) LÉONARD, É-G. Op. cit. p. 30-31. HAUCK, J. F. Op. cit. p. 193.
- (15) BARROS, Roque Spencer M. de. *Vida religiosa*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de., dir. *O Brasil monárquico: de*

*clínio e queda do império*. São Paulo, DIFEL, 1974.  
(História Geral da Civilização Brasileira, 6). p.  
321.

(16) HAUCK, J. F. Op. cit. p. 82, 84.

(17) DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro,  
Paz e Terra, 1976. p. 31, 32, 43. HAUCK, J. F. Op.  
cit. p. 77-85.

(18) BARROS, Roque Spencer M. de. Op. cit. p. 321-329. HAUCK,  
J. F. Op. cit. p. 182-189.

(19) Apud HAUCK, João Fagundes, et alii. Op. cit. p. 188.

(20) DELLA CAVA, Ralph. Op. cit. p. 27-28. AZZI, Riolando.  
Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evo-  
lução histórica do Brasil. *Religião e sociedade*. São  
Paulo, Centro de Estudos de Religião, 1(1): 125-149,  
mai. 1977.

(21) LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro*.  
p. 34.

(22) BARROS, Roque Spencer M. de. Op. cit. p. 324.

(23) BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil:  
dois séculos de história*. Rio de Janeiro, Civiliza-  
ção Brasileira, 1978. p. 86.

(24) MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção  
do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Ed. Pauli-  
nas, 1984. p. 56.

(25) BANDEIRA, Moniz. Op. cit. p. 119.

(26) Id., *ibid.*, p. 116-117.

- (27) REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo, ASTE, 1984. p. 59, 67, 73, 95, 110.
- (28) FERREIRA, Júlio Andrade. *Galeria evangélica: biografia de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1952. p. 14-20. RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 325-327.

CAPÍTULO II

ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO  
DA IGREJA PRESBITERIANA DE NATAL

ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO  
DA IGREJA PRESBITERIANA DE NATAL

A estratégia de penetração do protestantismo no Rio Grande do Norte não se diferenciou dos métodos comumente usados no trabalho missionário protestante em todo o país na mesma época. A nível nacional, alguns historiadores, entre eles Émile-Guillaume Léonard, já estudaram estas estratégias de implantação.<sup>1</sup>

A propaganda protestante com a presença de um missionário estrangeiro foi antecedida por um trabalho de difusão da Bíblia. Assim é que, em 1879, foram enviados ao Rio Grande do Norte dois colportores, Francisco Filadelfo de Sousa Pontes e João Mendes Pereira Guerra. Estes colportores eram pessoas que recebiam uma pequena formação de teologia bíblica e que tinham a seu encargo a venda e distribuição de Bíblias e literatura evangélica. Também se ocupavam da leitura pública e explicação das Escrituras nas residências ou em outros locais onde lhes era permitido fazer. Esses dois colportores foram enviados ao estado pelo Rev. John Rockwell Smith, missionário norte-americano que trabalhava em Pernambuco, sendo na época pastor da Igreja Presbiteriana do Recife. No ano seguinte o estado recebeu novamente esses colportores. Em 1889, veio ao Rio Grande do Norte o Rev. Hugh C. Tucker, acompanhado de um colportor com a missão de distri-

buição de Bíblias, por venda ou doação. O Rev. Tucker era ministro da Igreja Metodista Episcopal, nessa época, trabalhava como representante no Brasil da Sociedade Bíblica Americana. Em Natal este pastor foi bem recebido, tendo sido convidado para pregar no teatro da cidade, que foi ocupado por uma grande e atenta audiência.

Essa difusão da Bíblia dava ocasião a conversões espontâneas de indivíduos e mesmo formação de pequenas comunidades protestantes, sem a intervenção direta de missionários estrangeiros. Tal se deu com o capitão Delmiro Saldanha, fazendeiro no distrito de Campo Grande, que se converteu com a leitura de um Novo Testamento doado à sua esposa por um colportor da Sociedade Bíblica Americana. Quando o trabalho missionário norte-americano fixou-se definitivamente no Rio Grande do Norte, já encontrou um pequeno grupo de crentes em "Baixio", a fazenda do capitão Delmiro Saldanha.<sup>2</sup>

Uma Bíblia também veio a cair nas mãos do professor Pedro Costa que, depois de examiná-la, converteu-se ao protestantismo e, posteriormente, foi batizado na Igreja Presbiteriana de Natal. Pedro Costa enviou então uma Bíblia para seu irmão, o capitão Olegário de Araújo Costa, residente em Vila Flor. Tornando-se protestante, Olegário Costa apressou-se em procurar seu amigo Manuel Tomaz de Araújo, fazendeiro em São Miguel de Jucurutu, a quem presenteou com uma Bíblia. Não sendo alfabetizado, Manuel Tomaz recorreu a Manuel Francisco, jovem empregado em seu estabelecimento comercial, que passou a ler-lhe as Escrituras Sagradas. Dessa leitura resultou a conversão de ambos.<sup>3</sup>

Entre os primeiros adeptos do protestantismo em Natal conta-se o professor Joaquim Lourival Soares da Câmara. Ele se afastara das práticas católicas romanas e lia a Bí-

blia por influência de um amigo. Este era o paralítico Antônio Eustáquio que, obtendo uma Bíblia - quiçá das espalhadas pelos colportores -, pela leitura atenta do livro principiou a criticar a Igreja Católica Romana. Sem nunca ter ouvido um pregador protestante, Antônio Eustáquio começou a combater o culto das imagens, a confissão auricular, o purgatório e outras doutrinas da Igreja dominante. Antônio Eustáquio era irmão do vigário de Muriú que, assustado com o que ocorria, falou a Joaquim Lourival, professor público naquela localidade na ocasião, sobre as idéias "estranhas" do seu irmão. Mantendo contato com o paralítico, o professor Lourival passou também a estudar a Bíblia, identificando-se com o credo protestante alguns anos mais tarde.<sup>4</sup>

Ao trabalho de difusão da Bíblia se seguiam as visitas de pregadores e missionários. Em 1883 o missionário norte-americano DeLacey Wardlaw esteve na cidade de Mossoró, fazendo ali as primeiras pregações evangélicas. O Rev. Wardlaw fora enviado pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, e trabalhava no campo missionário do Ceará. Dois anos depois, em 1885, voltava este pastor à cidade para organizar a que seria a primeira igreja protestante no Rio Grande do Norte. Nesta segunda visita o missionário foi atacado por populares, com pedras e armas de fogo, mas logo as autoridades locais tomaram providências e restabeleceram a ordem. Um pequeno grupamento de soldados foi posto à disposição do Rev. Wardlaw, garantindo a sua segurança.<sup>5</sup> Em julho, na companhia de João Mendes Pereira Guerra, este missionário organizou a igreja de Mossoró, que, no relatório do Presbitério de Pernambuco, em 1888, aparecia com 23 membros adultos e 13 crianças.<sup>6</sup>

Em Natal passaram-se oito anos, desde a primeira

visita dos colportores, sem que novas iniciativas fossem tomadas para o estabelecimento de um núcleo do protestantismo. Em 1887, o missionário DeLacey Wardlaw e Belmiro de Araújo César fizeram uma visita à cidade. O Rev. Belmiro de Araújo César estava entre os três primeiros pastores nacionais ordenados pelo Rev. John R. Smith, na Missão do Norte do Brasil. Por essa época trabalhou na Igreja Presbiteriana da Paraíba do Norte (hoje João Pessoa) e de Monte Alegre, na mesma província. Os dois pastores proferiram nessa ocasião, uma série de conferências religiosas no Teatro Santa Cruz, contando com uma afluência de mais de 600 pessoas de cada vez, e pregando também na residência do Dr. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco. Este, formado em Direito pela Universidade da Sorbonne, era atuante membro do Partido Liberal na província, e já fora eleito diversas vezes Deputado Provincial. Mais tarde, ajudou a formar o Partido Republicano no Rio Grande do Norte e, depois da República, foi nomeado Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda.

Por ocasião dessa visita do Rev. Wardlaw a Natal, converteu-se o professor Joaquim Lourival Soares da Câmara, cognominado "Professor Panqueca", que se tornou ardoroso propagandista das doutrinas reformadas. O trabalho em Natal apresentava boas perspectivas. O pequeno grupo de crentes já pedia um pastor e prometia uma casa para sua residência.<sup>7</sup>

Em fevereiro de 1893, Natal recebeu outra visita de pastores protestantes, enviados pelo Presbitério de Pernambuco: os Reverendos Juventino Marinho e William Calvin Porter. Hospedados pelo professor Lourival, durante uma semana esses pastores celebraram cultos na casa do tenente Genésio Xavier Pereira de Brito, delegado da capital. Anos depois, em 1898, ele se converteu, tornando-se membro da Igreja

ja Presbiteriana de Natal. Durante as pregações era grande o número de assistentes e ficou acertada a celebração de cultos todos os domingos na casa do professor Joaquim Lourival.

O Rev. William Calvin Porter voltou a Natal em janeiro de 1895, demorando-se por quatro meses. Nessa ocasião, o Inspetor da Instrução Pública cedeu gratuitamente a Escola Pública para a celebração dos cultos evangélicos. Em 7 de abril foi oficialmente organizada a congregação presbiteriana, na residência do coronel Joaquim Soares Raposo da Câmara. Tendo ocupado a função de 1º delegado da capital e também de secretário do Governador do Estado, o coronel Joaquim Soares da Câmara se ligara ao protestantismo desde as primeiras conferências do Rev. Porter em Natal. Ao se instalar a congregação presbiteriana, o missionário batizou 33 adultos, que fizeram profissão de fé nas doutrinas protestantes, e 18 crianças. Este era o primeiro passo para a organização eclesiástica dos protestantes em Natal.

Sentindo a necessidade de um local para as reuniões, os convertidos alugaram um prédio, no local que posteriormente seria ocupado pela Prefeitura Municipal, onde ficaram sendo realizados os serviços religiosos. Ao lado do novo salão de cultos havia um terreno desocupado, de propriedade do Sr. Alexandre James O'Grady, canadense, casado com norte-rio-grandense e residente em Natal. Ele era diretor da Estrada de Ferro Natal - Nova Cruz e fora um dos auxiliares de Pedro Velho na formação do Partido Republicano no Rio Grande do Norte. Os presbiterianos, desejosos de adquirirem um terreno para a construção de um templo, constituíram uma comissão para tratar com o Sr. O'Grady. Este prometeu que doaria o terreno, no caso de a congregação constituir-se em entidade jurídica. Organizando então como sociedade civil, a Asso-

ciação Evangélica foi registrada no Livro de Notas do Tabelião Público Joaquim Soares de Sant'Ana Macaco. Em 11 de maio foi lavrada a escritura do terreno doado pelo Sr. Alexandre James O'Grady para a edificação do templo.

Concomitantemente ao trabalho de propaganda feito por missionários e pastores com formação teológica, desenvolvia-se um intenso ministério leigo. Émile Léonard já chamou a atenção para a importância desse elemento na difusão do protestantismo.<sup>8</sup> Em Natal a comunidade protestante demonstrou capacidade de autopropagação com base num trabalho de divulgação das doutrinas pelos neoconvertidos. Tão logo se converte, o crente se torna um ardoroso propagandista da mensagem. Em 1887 o professor Joaquim Lourival declarou-se protestante, por ocasião da visita dos pastores DeLacey Wardlaw e Belmiro César. Quando os missionários deixaram Natal, "cheio de entusiasmo, sobraçando a Bíblia, ia o professor Lourival anunciando o Evangelho pelas casas de seus amigos e parentes, persuadindo-os a seguir as doutrinas que havia abraçado".<sup>9</sup> Seus esforços provocaram uma forte oposição por parte da religião oficial. Um sacerdote católico começou a atacar o protestantismo, criticando a pessoa de Lutero. Não sendo ainda profundo conhecedor da Bíblia, valendo-se de Cantu e do General Abreu e Lima, defendeu-se do padre através do "Diário de Natal". Foi tido como "o Anti-Cristo" e o "filho mais velho do Diabo". Ele, porém, continuava a dar seu testemunho ousadamente. Era tão grande o seu entusiasmo na propaganda das novas doutrinas que, do seu apelido - "Panqueca" - os primeiros evangélicos na cidade começaram a ser chamados "panquequistas", e à Bíblia denominavam "o livro do Professor Panqueca".<sup>10</sup> E assim é que, quando de sua primeira visita a Natal, em 1893, o Rev. Calvin Porter já encontrou

uma pequena congregação de cerca de cinquenta pessoas, desejosas de aprenderem mais sobre aquelas doutrinas.

O crescimento se tornava patente e era resultado desse esforço individual na propagação dos crentes. Quando da segunda visita que fez a Natal o Rev. Porter, em 1895, o número de "congregados" havia se elevado para quase duzentas pessoas.

Essa propagação também parte da capital, atingindo cidades do interior. É o que nos mostra o testemunho conservado acerca do Dr. Diógenes Celso da Nóbrega. Bacharel em Direito pela faculdade do Recife em 1889, ocupava o cargo de Juiz do Tribunal Federal. Acerca dele nos conta Katherine Porter:

*Outra feliz conversão é a do jovem advogado que chegou de repente por curiosidade em nosso terceiro trabalho, e continuou a vir por sincero interesse. Quando foi aberta a oportunidade para candidatos ao batismo, ele foi o primeiro a se apresentar. Agora ele foi para o interior, para passar algum tempo na fazenda de seu pai. Pegou algumas Bíblias e folhetos, etc., com ele para distribuir entre os amigos, e ele escreve para muitos, dizendo que as pessoas venham lhe perguntar acerca do evangelho, e que, sem ter tido esta pretensão, ele acha que tem se tornado um distribuidor da Palavra. Escreve mostrando esperança de uma abertura para o evangelho, ali entre seu povo - a 150 milhas de Natal para o interior - e está impaciente para o Sr. Porter visitar aquela parte do estado. Assim o campo se estende.<sup>11</sup>*

A grande extensão do território a ser coberto pela

mensagem protestante e o pequeno número de missionários para tão grande empreendimento era compensado por esse "ministério leigo". Desse modo já encontramos referência, em 1896, a grupos de crentes nas cidades de Goianinha, Penha (atualmente Canguaretama) e Ceará-Mirim.

Um passo importante para a expansão e definitiva implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte foi o estabelecimento de um missionário residente. Em 1895 havia sido organizada uma "congregação presbiteriana" em Natal, jurisdicionada ao Presbitério de Pernambuco. Na reunião anual dessa assembléia, foi apreciada uma petição dos crentes de Natal, firmada por 173 assinaturas, solicitando a designação do Rev. Porter para pastor residente. O presbitério consentiu a transferência de Calvin Porter do Ceará para Natal e, em 12 de agosto, ele se fixava definitivamente na capital, que se tornava, assim, sede de uma missão. Os protestantes de Natal recebiam o seu primeiro pastor. William Calvin Porter nascera no estado de Alabama (EUA). Após a Guerra Civil, veio para o Brasil por decisão de seu pai de aqui fixar-se. Fez seus estudos seculares no Colégio Internacional, dirigido por missionários presbiterianos em Campinas. Ensinou nesse estabelecimento onde estudara, e depois na cidade de São Paulo e Mogi-Mirim. Posteriormente, transferiu-se para Pernambuco com seu cunhado, Dr. John Rockwell Smith, que tinha a seu encargo o trabalho missionário presbiteriano em Recife e a Igreja Presbiteriana dessa cidade. Decidido a ser missionário no Brasil, William Porter passou a estudar teologia com seu cunhado, que requereu sua nomeação na Missão no Norte do Brasil. Porter trabalhou como missionário não ordenado entre 1884 e 1888, recebendo ordenação eclesiástica em 26 de setembro de 1889. Durante algum tempo ficou responsável pela Igre

ja Presbiteriana do Recife. Depois a Missão designou-o para o Ceará e, em seguida, para o Rio Grande do Norte.

A fixação do Rev. William Calvin Porter em Natal permitiu a organização eclesiástica dos protestantes de Natal. Em 1896 o Presbitério de Pernambuco, ao qual estava subordinada a congregação de Natal, nomeou uma comissão para instalar formalmente a Igreja Presbiteriana. A sessão solene de sua organização se deu em 3 de fevereiro, à Rua da Conceição, presidida pelo missionário norte-americano Rev. George Eduardo Henderlite e secretariada pelo presbítero Minervino Ribeiro Pessoa Lins, da Igreja Presbiteriana da Paraíba. O Rev. William Calvin Porter apresentou uma lista contendo os nomes das pessoas batizadas por ele e de outros crentes que se transferiam para a igreja de Natal, a fim de serem incluídos na lista dos membros da nova igreja. O Rev. Henderlite discorreu sobre os deveres de uma igreja organizada de acordo com o sistema presbiteriano, proclamando solenemente a constituição da Igreja Presbiteriana de Natal, "segundo a Palavra de Deus e o Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana do Brasil".<sup>12</sup>

De acordo com a estrutura do sistema presbiteriano, a igreja local era dirigida por um colegiado, que recebia o nome de "sessão", formado pelo pastor e presbíteros. Por ocasião de sua organização eclesiástica, foram eleitos pelos membros da igreja de Natal três presbíteros: João Ferreira Nobre, funcionário público do Estado; o capitão Estêvão José Marinho, e Manuel Gabriel de Carvalho Pinto, guarda livros e caixa da casa comercial do comendador Joaquim Inácio Pereira. Foram também escolhidos dentre a congregação os diáconos, encarregados da assistência aos que passavam necessidades materiais. Os primeiros diáconos da igreja de Natal

foram: Francisco de Paula Moraes Barros e José Paulino de Carvalho Botelho. Em seguida, presbíteros e diáconos foram ordenados segundo os rituais apropriados.

À "sessão da Igreja", composta do pastor e presbíteros, competia a direção geral da comunidade. Assuntos de maior importância eram levados à Assembléia Geral, formada por todos os membros comungantes, isto é, com direito a participar da Ceia do Senhor. Na primeira lista de membros, apresentada ao Presbitério de Pernambuco em 1896, a igreja de Natal arrolava 62 pessoas, sendo 29 homens e 33 mulheres. Entre seus membros encontramos um grande número de funcionários de órgãos da administração pública federal ou estadual, militares, e também comerciantes, professores, advogados e alguns proprietários de terras. Para serem arrolados como membros, os candidatos eram examinados pela "sessão da igreja", que verificava o conhecimento que tinham da doutrina, após o que se procedia ao rito público da profissão de fé e o batismo. O crescimento do número de membros determinou a eleição, em 1901, de três novos presbíteros: o capitão Abdon Álvares Trigueiro, João Leopoldo Raposo da Câmara, proprietário do engenho Alabama, em Ceará-Mirim, e Francisco Antunes dos Santos.

Um grupo de igrejas locais constituía um presbitério, que reunia representantes das igrejas anualmente. Em 1896 a Igreja Presbiteriana de Natal estava ligada ao Presbitério de Pernambuco. Em termos nacionais, todas as igrejas presbiterianas formavam o Sínodo do Brasil, que tinha anualmente a sua Assembléia Geral, congregando os representantes enviados pelas diversas igrejas do Brasil.

A Igreja Presbiteriana de Natal apresentou um crescimento significativo nos primeiros anos, sobretudo se compa

rarmos às outras igrejas do presbitério. Na estatística do Presbitério de Pernambuco, em 1895, a igreja de Natal (ainda registrada como "congregação" pois não fora oficialmente organizada) arrolava 43 membros adultos comungantes e 18 crianças batizadas. No ano seguinte o número de comungantes era de 56 adultos, tendo 20 destes feito profissão de fé neste ano; e 14 crianças foram batizadas durante o ano. Contava a igreja com cinco "oficiais" (Presbíteros e diáconos) e 20 alunos matriculados na Escola Dominical. Em 1898 quatorze novos membros eram recebidos por profissão de fé e batismo, elevando-se a 74 o número de membros comungantes, adultos, e 57 crianças. A Escola Dominical também se desenvolvia, contando com uma matrícula de 54 alunos. Em 1899 foram recebidos mais 14 membros, registrando-se 83 membros comungantes, e 72 crianças. Nesse período de cinco anos o número de membros praticamente duplicou. Observe-se também que, em 1895, quando figurava como "congregação", a igreja de Natal era a 5ª em número de membros, dentre as igrejas do Presbitério de Pernambuco. Em 1899 era a 3ª maior igreja do presbitério, tendo ultrapassado as igrejas de Fortaleza e São Luís, de estabelecimento mais antigo. Comparando-se, por outro lado, o crescimento percentual de membros da igreja, nesse quinquênio (1895 - 1899), a igreja de Natal registrou o maior índice do presbitério: 96,5%. As igrejas da Paraíba do Norte (hoje João Pessoa) e a do Recife apresentaram um crescimento da ordem de 85,7% e 24,8% respectivamente, sendo as maiores igrejas da região.

Para a sua implantação definitiva no Rio Grande do Norte, o protestantismo também contou com a conversão de famílias extensas e sólidas, que se constituíam em "classes sociais importantes, homogêneas, que se bastem a si próprias e

sejam, portanto, duráveis - condição sem a qual uma nova religião não pode estabelecer-se realmente em um país".<sup>13</sup> Podemos perceber esse fenômeno ao estudarmos a história do presbiterianismo norte-rio-grandense, já pela análise da rede familiar claramente percebida no rol de membros da igreja, já pela existência de testemunhos pessoais que foram preservados. Assim conta o Rev. William Calvin Porter a história daquele que veio a ser um dos primeiros presbíteros da igreja em Natal:

*O sr. Estêvão Marinho estava pronto para nos receber. Este homem era um fervoroso e zeloso defensor de Roma; mas cerca de dois anos atrás sua cunhada, morando em Natal, converteu-se, e, depois, induzindo sua mãe, seis irmãs solteiras, e um irmão, ela escreveu para sua irmã casada sobre o evangelho. O sr. Marinho ficou tão horrorizado que veio uma vez à cidade para convencer sua cunhada do erro dela. O resultado foi que, em vez da volta dela à fé romana, ele rendeu-se, e foi para casa um ardente defensor do evangelho. Desde então sua luz tem estado brilhando no meio da escuridão à sua volta.*<sup>14</sup>

No livro de registro da igreja encontramos diversos membros da família Seabra de Melo, Carvalho, Raposo da Câmara, Ferreira Nobre, Pereira de Brito, Café, Saldanha, Araújo, indicando uma extensa rede de parentesco que foi influenciada pela mensagem protestante.

A implantação definitiva do protestantismo em Natal se expressaria claramente para a sociedade na construção do templo, sede da igreja. Já em 1895, quando se organizavam como congregação, os crentes protestantes, estimulados pelo

Rev. Porter, formaram uma comissão, que deveria tomar providências para a aquisição de um terreno onde pudesse ser construído um templo. Os contatos de negociação com Alexandre O'Grady, proprietário de um terreno bem localizado e logo proposto como muito apropriado, terminaram com a doação do mesmo. Logo as pessoas começaram a levantar fundos para a construção. Tanto homens como mulheres se empenharam nessa obra. Nesse mesmo ano, o Rev. Porter e sua esposa se transferiram para Natal e procuraram ajuda do Comitê Missionário dos Estados Unidos para a construção do templo. Esse pedido nunca foi atendido, e todo o trabalho de edificação foi feito às custas dos próprios fiéis. Enfrentando sempre dificuldades financeiras, pouco a pouco foi-se levantando o dinheiro necessário ao prédio. Erguidas as paredes, e feita uma parte da cobertura, o templo começou a ser usado, mesmo sem ladrilhos, sem portas e janelas. O prédio foi inaugurado em 3 de setembro de 1898, mas ainda inconcluso. Deve-se sua planta a Dona Katherine Porter que, antes de casar-se, estudara desenho e pintura, tendo concluído seu curso no *Cooper Institute*, de New York. Em 1908, quando os Porter deixaram Natal para uma temporada em São Paulo, tinham sido empregados 24:000\$000 de réis na edificação, mas o prédio ainda estava em preto por dentro e por fora. E a Missão norte-americana não contribuía em nada para essa quantia.

A participação dos fiéis não se restringia às contribuições para construir o templo. Como as disponibilidades eram pequenas, inicialmente não foram comprados cadeiras ou bancos. De acordo com o que permitiam as circunstâncias de cada uma, diversas famílias mandavam cadeiras de suas casas, e levavam-nas de volta após o culto.<sup>15</sup>

O trabalho de difusão do protestantismo no Rio

Grande do Norte, que se iniciara em 1879, resultou na organização da Igreja Presbiteriana de Natal em 1896, e encontrou receptividade, sobretudo, nas camadas médias da sociedade. Nas palavras de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, a religião protestante surge "como versão ideológica que descortina novas perspectivas para determinadas camadas da população brasileira. Segmentos da classe média urbana, pouco acomodadas aos padrões de dominação da sociedade estamental, buscavam significado para a vida que não encontravam no Catolicismo, entendido como distante de seus adeptos, devido a seu caráter predominantemente dogmático, litúrgico e canônico. Vindo ao encontro destas aspirações para uma renovada orientação de conduta, ofereciam as denominações protestantes a experiência de nova e diferente explicação do Universo, crescendo desse modo o número de conversos às igrejas reformadas do país."<sup>16</sup> Dentre os 45 membros da igreja em Natal, cuja profissão foi possível identificar, contam-se: 13 militares, 9 funcionários públicos, tanto da administração estadual como federal (três dentre eles são advogados), 7 professores, 5 proprietários de pequenos negócios comerciais, 4 artesãos, 4 proprietários de terras, e 3 empregados do setor terciário privado.

A política da Sé Romana, sobretudo após o pontificado de Pio IX, reforçara o prestígio do episcopado e distanciara mais o clero da multidão leiga. O povo simples encarava a Igreja como a instituição da qual "os padres" são os "donos". Acentuava-se de modo especial o conceito de Igreja-hierarquia. A "dignidade" do estado clerical era posta em antítese ao estado laico. O povo ocupava indubitavelmente uma posição subalterna na Igreja Católica Romana e, na prática, "os padres" e "a Igreja" são sinônimos.<sup>17</sup>

Entre os protestantes a efetiva participação de todos nos projetos da igreja despertava em cada um o senso de responsabilidade pessoal pelo progresso da "causa" e contrastava com o alheamento dos leigos dentro da estrutura oficial da Igreja Católica Romana. Entre os protestantes, cada membro via a igreja como a "sua" igreja; e o progresso e expansão dela dependiam do seu engajamento real e, desse modo, era também motivo de orgulho. As contribuições pessoais para o fundo de construção do templo exemplificam, de modo bem prático, o envolvimento dos leigos na vida da igreja protestante. Aí tudo estava por fazer e era necessário a participação de todos: precisava-se adquirir o terreno, levantar as paredes, providenciar a cobertura; era preciso prover assento para a congregação e para os que se achegavam. Havia oportunidade de trabalho para todos. Até as mulheres e crianças tinham a sua oportunidade de participar de maneira prática: estas carregavam cadeiras para o salão de cultos, aquelas dedicavam dois dias por mês para levantar fundos para a construção do edifício.

O caráter dogmático da Igreja Católica Romana se tornava patente na posição assumida perante o uso da Bíblia. No catolicismo romano era ainda observada a norma tridentina de que não fosse permitida a leitura da Bíblia a todos os fiéis, senão só àqueles que eram julgados suficientemente avançados em conhecimentos e virtudes. Deste modo a Bíblia era prevalentemente um "livro dos padres" que são os "ministros da Palavra", ao passo que os leigos são considerados apenas "ouvintes da Palavra".<sup>18</sup>

No protestantismo o adepto via derrubada a barreira que o separava da fonte da doutrina. Entre os protestantes estimulava-se a posse e uso da Bíblia por parte de todos

os fiéis. Detentor do que se considerava a base da fé, cada membro da comunidade se via responsável pela propagação da sua verdade religiosa. A Bíblia era lida na igreja, em família e individualmente. Esta divulgação das Escrituras entre os protestantes faz com que, em regra, o número de Bíblias em cada família corresponda ao número dos membros que a compõem, principalmente em se tratando de adultos.

Diferentemente da Igreja Católica Romana, entre os protestantes o fiel tinha acesso, em igualdade de condições com os ministros, à leitura da Bíblia e à sua interpretação. Esta ênfase do protestantismo na interpretação pessoal da Bíblia parecia conceder uma maior liberdade individual e o tornava especialmente atraente para aqueles que não se agradavam da rigidez doutrinária e do elitismo clerical do catolicismo romano.

Essas diferenças entre o protestantismo e o catolicismo romano, na época tão realçadas pela propaganda missionária, implicavam vantagem para o primeiro, cuja imagem de progressismo era simpática aos que viam na Igreja Católica Romana a razão do atraso brasileiro.

## N O T A S

- ( 1 ) LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Rio de Janeiro / São Paulo, JUERP / ASTE, 1981. Ver sobretudo o capítulo III.
- ( 2 ) GARCIA, Aglaia. *Calvin Porter: o missionário de cabelos brancos*. Cópia dactilografada, p. 130. *The Missionary*, jul. 1901, p. 311.
- ( 3 ) Id., *ibid.* p. 131. *The Missionary*, jul. 1901, p. 312.
- ( 4 ) Katherine Porter. *The Missionary*. Nov. 1895. LESSA, Vicente Themudo. *Anais da imprensa evangélica*, vol. III. São Paulo, 1925. p. 269.
- ( 5 ) *The Missionary*. Nov. 1887, p. 96-97.
- ( 6 ) Idem. Mar. 1889, p. 100.
- ( 7 ) Idem. Nov. 1887, p. 96.
- ( 8 ) LÉONARD, Émile-G. *Op. cit.* p. 88-89.
- ( 9 ) LESSA, Vicente T. *Op. cit.* p. 269-270.
- (10) Id. *ibid.*, *loc. cit.*
- (11) *The Missionary*. Nov. 1895.

- (12) Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Natal, 1ª. sessão.
- (13) LÉONARD, Émile-G. Op. cit. p. 55.
- (14) The Missionary. Nov. 1895.
- (15) Idem. Dez. 1895.
- (16) CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de., org. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973. p. 135-136.
- (17) HAUCK, João Fagundes, et alii. *História da igreja no Brasil: a igreja no Brasil no século XIX*. Petrópolis, Vozes, 1980. (História Geral da Igreja na América Latina, II/2), p. 147.
- (18) Id. *ibid.* p. 210.

CAPÍTULO III

A MENSAGEM PROTESTANTE NUMA

SOCIEDADE EM MUDANÇA

A MENSAGEM PROTESTANTE NUMA  
SOCIEDADE EM MUDANÇA

Já vimos anteriormente que a segunda metade do século XIX é marcada, no Brasil, por uma série de transformações. Entre elas se inclui o crescimento da classe média, no seio do processo de urbanização. Essa categoria social defendia os ideais do liberalismo individualista de inspiração britânica. Confiava na capacidade de realização do indivíduo, lutando contra o conservadorismo imobilizante da tradição. E, finalmente, buscava assegurar a sua participação política, dentro de uma "democracia representativa", que, no entanto, se revelava elitista.

A classe média lutava por mudanças, mas dentro dos limites da "ordem", de modo a se resguardar de possíveis ameaças das classes populares. Como explica Paulo Sérgio Pinheiro, nessa fase a constituição das classes médias se dá no bojo da dependência do complexo agrário-mercantil, ao lado dos processos de urbanização, de burocratização e de uma industrialização incipiente. Às "antigas classes médias", que, segundo Pinheiro, compreendiam a pequena produção e o pequeno comércio, somam-se as "novas classes médias", constituídas pelos trabalhadores não manuais ligados à esfera de circulação do capital, tais como empregados do comércio, dos bancos, das agências de vendas, assim como os empregados de

"serviços". Aí também estão os funcionários do Estado e os profissionais liberais - jornalistas, médicos, professores, advogados, etc.<sup>1</sup>

Levando em conta a heterogeneidade das classes médias e seu atrelamento à ideologia dominante, dificilmente elas poderiam ter assumido a defesa de um projeto de mudança estrutural. Dependendo, social e economicamente, das classes dominantes, e a essas ligadas politicamente, conservadora nos seus gostos e opiniões, as classes médias na Primeira República, apesar de lutarem por mudanças que favorecessem a sua ascensão, defendem o *status quo* estrutural, devido à sua identificação com os valores aristocráticos da classe dominante tradicional.

As manifestações políticas comumente imputadas às classes médias parecem ter um caráter autônomo, entretanto - afirma Paulo Pinheiro - "o afrontamento ao nível político não é suficiente para fundamentar a existência de um antagonismo efetivo ao nível dos interesses econômicos objetivos ou do quadro ideológico das classes médias". E continua o autor: "Essa ocultação de dependência das classes médias ao nível ideológico (e em muitos casos, econômico, por exemplo, pela presença dessas classes nos ramos do aparelho do Estado) através de uma política divergente - mas não antagônica - da pauta vigente do sistema político não é suficiente para afirmar a vocação inerente das classes médias para a transformação do sistema político".<sup>2</sup>

No Rio Grande do Norte o crescimento da classe média se liga ao desenvolvimento da economia agroexportadora a partir do século XIX. À atividade açucareira se soma a produção de algodão, sal e cera de carnaúba. Tendo estas últimas importância crescente no começo do século XIX. A dinamização

da atividade comercial ligada à implantação de um setor de mercado externo vinculado à economia mundial, a criação e ampliação de órgãos da estrutura burocrática do Estado, o aparecimento de diversos serviços ligados ao processo de crescimento econômico e modernização das cidades, tudo isso contribuiu para a definição de uma classe média, não diferenciada desta categoria a nível nacional.<sup>3</sup>

No segundo capítulo constatamos a significativa presença da classe média entre os adeptos do protestantismo no Rio Grande do Norte.

Agora veremos que a vertente do protestantismo que criou raízes no Rio Grande do Norte, especialmente em Natal, - a sua ética, doutrina e a própria concepção de vida dela oriunda - tinha consonância com os ideais da crescente classe média brasileira, com suas características aspirações de sucesso pessoal e ascensão social. Assim, sem dificuldade, elementos das classes médias encontravam no protestantismo o espaço onde podiam realizar suas aspirações de ascendimento de uma forma religiosa e moralmente sancionada. Essa modalidade de expressão religiosa, portanto, teve, nos limites restritos do seu alcance numérico, funções inovadoras e tendentes à mudança social, sem assumir, porém, forma de contestação às estruturas vigentes no país.

Analisando a mensagem e a ética protestante à luz dos valores e ideais da classe média brasileira, na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, observamos, inicialmente, que aspectos da doutrina protestante serviram de reforço à idéia da liberdade individual perante os grilhões da tradição da antiga sociedade. Nessa sociedade tradicional os privilégios sociais não eram atribuídos de acordo com a capacidade do indivíduo, e sim por critérios arbitrá-

rios, de nascimento e família, e através do sistema de "favor".<sup>4</sup> O individualismo contesta esses critérios, defendendo a valorização da pessoa particularmente.

O protestantismo pregava que o homem, criado por Deus, rebelara-se contra o seu Criador e encontrava-se alienado d'Ele. Perdido nesse estado de alienação, o homem necessitava se reconciliar com Deus. Diante da incapacidade de o homem prover a própria salvação, o amor de Deus manifestou-se em desígnios de salvação para com todos os homens. Da ênfase calvinista na idéia da absoluta soberania de Deus na salvação decorria a doutrina da predestinação, na qual se cria que alguns foram eleitos pela graça de Deus para a salvação. Tal doutrina, levada a extremos por discípulos de Calvino, ao longo do século XVI e XVII, despertou reações em contrário. Característica dessa reação é a posição arminiana.<sup>5</sup>

Os presbiterianos, primeiros protestantes a se estabelecerem no Rio Grande do Norte no século XIX, apesar de se proclamarem calvinistas, apresentavam um calvinismo bastante mitigado por elementos arminianos. Afirmava-se, então, o amor de Deus para com os homens e a obra expiatória de Cristo como suficiente para a salvação de todos, porém cabia ao homem decidir pela aceitação ou não dessa graça divina que lhe era oferecida. Nas páginas do jornal protestante *O Século*, que começou a ser publicado em Natal a partir de 1895, encontramos:

*Assim o pecador, corrupto, e fraco é às vezes levado ao desespero. Este é o estado do homem natural, e de todo homem que não tem a luz da revelação; ou se tem, não a chê ou rejeita. Para os que a aceitam, o estado é outro, é auxiliado por Deus [...]*

*Esta proteção nos é oferecida, uma vez que a **aceite-**mos. E o que é a fé senão o ato de receber o salva-vida? Confiemos, pois, na proteção divina que é para todo momento, já em casa, já fora no campo, ou na rua. É para todos, grandes e pequenos, sábios e ignorantes. [...] O cristão tem por seu defensor ao Eterno, a Deus, que é Amor para todos e com todos.<sup>6</sup>*

Percebemos aí a questão da escolha individual contra a idéia da predestinação. Valorizava-se neste caso a iniciativa do homem como indivíduo, rejeitando-se a idéia de uma predestinação arbitrária, alheia ao homem e à sua vontade. A ênfase sobre a iniciativa e escolha individual estava em harmonia com os desejos de uma classe que buscava romper os padrões tradicionais de atribuição dos privilégios sociais.

Nesse mesmo tom escrevia o Rev. William Calvin Porter, primeiro pastor da igreja protestante em Natal:

*Como é triste a condição do cego de espírito!  
E, ainda é mais triste quando pensa-se que esta cegueira pode ser curada, pois **está nas mãos de cada um dos que sofrem!** Jesus ofereceu-se para curá-los; Ele mesmo quis servir de enfermeiro para curá-los inteiramente; eles **não o aceitaram, desprezaram** o remédio e o enfermeiro.*

*Oh, quão pouca sensatez têm as almas cegas pelo pecado em **repelir** o valioso oferecimento de Cristo!<sup>7</sup>*

Cabia a cada homem lançar mão dos meios de "curar-se". A oferta divina era para com todos, restando ao homem aceitá-la ou não. Este voluntarismo individualista não admite nem mesmo um compromisso com a religião dos pais. O pro-

testantismo pregado no Rio Grande do Norte defendia que o homem, como ser moral, estava sujeito às mesmas responsabilidades ante o tribunal de Deus, e, ao optar por outra religião, ele está exercendo uma prerrogativa moral que é a da *livre escolha*, a da *livre eleição*, respondendo perante Deus, que lhe deu a faculdade de eleger. Esse ensino abria a possibilidade da ruptura com o passado e convinha àquelas categorias que buscavam libertar-se das cadeias que as prendiam. Tal mensagem chegava ao Brasil ao tempo em que se fazia maior a influência das culturas européias e norte-americanas, trazendo concepções individualistas vinculadas ao liberalismo econômico e à democracia liberal.<sup>8</sup>

O individualismo era também reforçado pela influência do pietismo wesleyano que insistia na necessidade da conversão individual: a consciência do pecado pessoal, o arrependimento e a experiência de regeneração, com forte conteúdo místico e emocional. A experiência da conversão assinalava claramente um "antes" e um "depois". Antes a vida era caracterizada por sofrimentos, aflições, remorsos de consciência, enganos, ilusão, corrupção. Depois o indivíduo experimentava paz, gozo, repouso, calma.

Nesse ponto encontramos uma doutrina que reforça as decisões tomadas por certos indivíduos de mudar, de assumir novas diretrizes na vida, de romper com o passado, ao apontar-lhes as recompensas posteriores.

A conversão era uma escolha pessoal, e significava a opção por um caminho cheio de obstáculos, por onde o indivíduo peregrinaria até alcançar a felicidade eterna. No jornal *O Século* lemos:

*Muitas são as adversidades que estorvam o caminho do céu. Os interesses mundanos, os laços sociais, a polí-*

tica e outros remoques da vida comum, aliás verdadeiros tentamens do antichristianismo, tudo se opõe ao pobre transeunte que caminha em busca da terra da 'promessa' guiado pela bússola cândida do Evangelho. [...]

De sorte que sendo tão elevado o número dos que constituem o grupo que segue o caminho do mundo, caminho que não deixa de ser fácil e franco, sem obstáculos e sem desvantagens, porque é o caminho de quase todos os homens de primeira ordem, mui diminuto deve ser, por conseguinte o número que constitui o outro grupo, formado do resíduo, e que não segue aquele primeiro caminho.

Conseqüentemente deve medear entre os dois caminhos, bem como entre os dois grupos, cabal separação e distinção. [...]

O caminho do mundo é o bonito, o formidável e fácil; o grupo que por ele anda é a gente mais gratificada e mais importante da sociedade; o outro caminho, porém, é o difícil e molesto, e o seu grupo, a escória do povo, a gente desprezível e vil das nações. [...]

Enfim, é por amor desse mundo que se há de maltratar aos crentes do Evangelho, apelidá-los de "Capas-Verdes", "Anti-Cristo", e atirar-lhes toda a casta de vitupérios?<sup>9</sup>

Esta mensagem atuava como estímulo para que cada indivíduo trilhasse o seu próprio caminho, não obstante as adversidades que pudessem surgir. Incentivava-se cada um a arcar com as conseqüências das suas opções e, mesmo sendo marginalizado pela maioria, apontava-se a possibilidade da sua vitória. Ser diferente, não aceitar as normas estabelecidas era algo custoso, pelo qual se pagava alto preço. Entre-

tanto esta mensagem trazia uma consolação que ajudava a enfrentar os custos das opções pessoais. Podemos também notar como a doutrina protestante reforçava o ideal da ascensão social pelo esforço individual. Ela afirmava que o indivíduo, não importando a origem, mesmo estando nos escalões mais baixos da sociedade, se for perseverante, esforçado e seguir em frente, receberá a recompensa.

Tal mensagem coincidia com o ideal daqueles que acreditavam no esforço individual e o sancionava religiosamente; servia a uma categoria social - a classe média - que lutava para se afirmar. Havia sempre o estímulo para o indivíduo crescer, através do esforço pessoal, do trabalho, da força de vontade, da perseverança em direção ao ideal, como no trecho do jornal *O Século* abaixo:

*A dignidade é uma qualidade pela qual o homem se distingue perante a sociedade. Assim considerada, a dignidade se divide em dignidade de caráter, de trabalho e de convicção. Dignidade de caráter é aquela pela qual o homem, operando nobremente, eleva-se além de si mesmo. Dignidade de trabalho é a qualidade que o homem mostra, quando empreendendo uma ação elevada ou difícil, nobilita-se por seus esforços ou constância.*

*Dignidade de convicção é a qualidade pela qual o homem, sustentando uma verdade ou mesmo um erro, dos quais tem convicção, mostra uma grande força ou coragem.*<sup>10</sup>

Para o protestantismo, o que dava condições ao homem de enfrentar as agruras da presente peregrinação era fixar-se nos valores permanentes que não são os daqui da terra. Esse acento transcendentalista é facilmente encontrado

na mensagem protestante no Brasil:

*Na casa de meu Pai hã muitas moradas. S. João 14:2.*

*Que tocante alusão ã vida de família se contêm nestas palavras de Jesus!*

*Ele consola a sua igreja anunciando-lhe que dentro em pouco tempo ela chegarã aos limites do deserto; e que a tenda passageira, prõpria para a viagem terrestre vai transformar-se em habitação permanente.*

*Não serã, como a deste mundo, um asilo estranho, porêm a casa paterna, onde nos espera o terno acolhimento do nosso Pai.[...]*

*A divisa do peregrino sobre a terra deve ser esta: Não temos aqui lugar permanente.[...]*

*A terra que habitamos ã um simples pouso onde nos detemos para passar uma noite. Nela somos locatãrios, nada que ã dela nos pertence; o que nos pertence hoje ã de outro amanhã.[...]*

*Caro leitor, praza a Deus que a esperança destas moradas, que ele tem reservadas para os seus, te faça desprezar as dificuldades e asperezas da vida presente, os fracos recursos e as contrariedades da viagem. Deixã-te conduzir atraído pela luz deste farol longínquo que promete ao teu coração uma habitação incomparavelmente mais bela que o mais suntuoso dos palácios da terra; esquece as vagas que te separam, ou antes, considera-as como necessãrias para impeliem a tua barca para o porto!<sup>11</sup>*

Poder-se-ia pensar que tal mensagem representaria um reforço ao conformismo com a sociedade existente por apresentar as recompensas de uma realidade futura. No entanto, pode-se ver que esse forte traço transcendentalista, com sua

depreciação radical não sã do valor mas da própria realidade do mundo empírico, abre a possibilidade de mudança pelo seu potencial de dessacralização de instituições às quais um *status* sacral foi dado pela legitimação religiosa. Como nos fala Peter Berger, o confronto da ordem social presente com o mundo transcendente relativiza essa ordem. Nesse ponto as instituições revelam-se como nada mais que obras humanas, despidas de santidade ou imortalidade inerente a elas. Rompida a idéia da inexorabilidade do mundo construído pelo homem, inconscientemente se favorecia a mudança social. Ao desnudar o caráter temporal e humano do mundo socialmente construído, essa mensagem contribuía para a mudança, dismistificando a aparência da imutabilidade da realidade social.<sup>12</sup>

Assim, ao apontar para uma realidade futura, a doutrina protestante não estimulava necessariamente um conformismo fatalista. Pelo contrário, a mensagem de esperança e confiança, ao afirmar que a Providência não está alheia às dificuldades pelas quais passam os indivíduos era um estímulo à luta. Isto representava um reforço para aqueles que defendiam que a ascensão do indivíduo deveria se basear no esforço pessoal. A mensagem protestante, ao assegurar que o caminho de cada um está integrado em um todo que faz sentido, tornava mais compreensível a existência individual, como neste trecho:

*Talvez neste mesmo momento estejas oprimido pelo sentimento da grandeza de tuas culpas, da fraqueza de teu coração, ou às voltas com alguma tentação exterior ou interior!*

*Pois levanta os olhos para Aquele que prometeu que sua graça te bastaria.*

*É Ele que dispõe da onipotência e do amor infinito.*

Com a mesma mão que sustenta o cetro do império universal, conduz amorosamente o seu povo carregado e fatigado.

Aquele que sabe o número das estrelas, apraz-se também em contar as provações que seus filhos experimentam. Nada para ele é muito grande ou muito pequeno a seus olhos; ele recolhe as nossas lágrimas e em seu amor reserva um caminho seguro para o seu povo.<sup>13</sup>

Deixando agora o aspecto doutrinário propriamente dito, vejamos como as práticas da igreja protestante servem também de reforço às formas de comportamento que coincidem com as aspirações e ideais da incipiente classe média no Rio Grande do Norte.

Os fiéis protestantes eram exortados à prática dos exercícios de piedade pessoais, sobretudo a oração e a leitura da Bíblia, na certeza de que os pontos principais da sua mensagem são acessíveis a qualquer um. No jornal *O Século* lemos:

*O assistir aos cultos sô, ou ouvir somente em público a leitura da Bíblia, não é suficiente para conservar viva a chama da devoção nos nossos corações. O homem que dependesse do gás das ruas e da luz elétrica das praças da cidade para toda sua luz, não teria uma casa mais escura do que o coração daquele que depende unicamente dos meios públicos da graça.*

*A luz da oração secreta e do estudo particular, da Palavra de Deus, é preciso para iluminar os quartos interiores da vida d'alma diariamente, se não queremos viver nas trevas.*<sup>14</sup>

Ao ensinar a oração individual e o estudo pessoal

da Bíblia, o protestantismo afirma a crença na capacidade do indivíduo. Ao pregar que todos podem e devem estudar e interpretar a Bíblia por si mesmos, contestava-se também a autoridade de uma categoria clerical à qual se atribuía o direito exclusivo da sua interpretação. Por ambos os lados essa mensagem coincidia com uma ideologia que enfatizava a aptidão do indivíduo e uma tendência anticlerical que caracterizava o liberalismo radical no Brasil do final do século XIX.

Em resumo, a ênfase individualista da teologia missionária protestante se harmonizava bem com as idéias de individualismo que se difundiam no Brasil e representavam os anseios de novos grupos sociais que buscavam afirmar-se na sociedade. A idéia da necessidade de uma experiência pessoal de salvação, da santificação individual pela observância de rígidas normas de comportamento particular, que constituíam os componentes principais da doutrina protestante no Brasil, trazia sua contribuição para aqueles que insistiam na necessidade de libertar o indivíduo e romper com práticas tradicionais e com antigos costumes.

Quando o homem optava por desfazer seus vínculos com o passado e assumir uma nova forma religiosa, ele não era deixado sozinho. No protestantismo desenvolvia-se intensa vida comunitária e, deste modo, servia de apoio àqueles que decidiam ou estavam decididos a opor-se à antiga sociedade regida pela tradição. Como alternativa se oferecia ao converso um novo grupo social onde se desenvolviam fortes laços comunitários pela intensa vivência religiosa coletiva. A ruptura com a sociedade tradicional é também reforçada na medida em que, separados de muitas esferas da sociedade global, os membros da comunidade protestante se julgam "eleitos" ou "escolhidos". A adoção de novos valores e padrões de comporta-

mento por parte das novas categorias sociais tendia a ser criticada pela sociedade em geral. Ao fazer parte de um grupo protestante o indivíduo passava a contar com um reforço de sua "normalidade" a nível de pequena comunidade.

A nova vivência religiosa representava a concretização da possibilidade de um novo "estilo de vida", fora dos esquemas da sociedade tradicional. Deste modo esse agrupamento desfazia o monopólio religioso católico-romano ao se apresentar como uma alternativa legítima, portadora de novos valores que, em muitos aspectos, diferiam daqueles defendidos tradicionalmente, muitas vezes com o respaldo da religião.

Às vezes, práticas e padrões de comportamento do grupo protestante coincidiam com aqueles patrocinados pela elite emergente da sociedade maior. Por exemplo, a forte vivência comunitária fazia com que a freqüência à igreja fosse uma obrigação do fiel protestante, sobretudo no domingo, o "dia do Senhor". Porém esse descanso dominical não deveria ser observado apenas pelos protestantes; deveria ser uma prática de toda a sociedade. Encontramos no jornal *O Século* um elogio à Intendência Municipal de Natal quando esta baixou uma resolução, proibindo que os estabelecimentos de tecidos abrissem as suas portas no domingo, permitindo apenas aos de molhados, até meio-dia. E conclui: "Prossigam os honrados e dignos membros da Intendência a providenciar sobre a guarda do dia do Senhor e terão as bênçãos Dele." No mesmo jornal é realçada a vantagem que a guarda do domingo traria para a preservação da ordem, tão cara à classe média e à classe dominante.

*É inquestionável que nestes calamitosos tempos de descalabro social um dos meios práticos de regeneração moral é a santificação do domingo. [...]*

Por qualquer prisma que se considere a eficaz influência desta lei divina, sobre a regeneração moral de um país, vê-se o quanto é ela uma instituição de primeira ordem e necessidade. [...]

É a história da humanidade que nos ensina. Tudo quanto tende remover um povo dos seus deveres religiosos não faz mais do que implantar o **ateísmo** com seu nefando cortejo de ruínas.

Um povo sem religião é o maior perigo social.

Bem alto nos falam as sanguinolentas revoluções de quanto é capaz um povo eivado de **materialismo** e **ateísmo**.

Suprimir, pois, o domingo é precipitar-nos num abismo insondável, é ameaçar de morte em seus fundamentos os **interesses os mais vitais de nossa sociedade**, pois a religião é a **grande base, sobre a qual repousa a ordem social**, e o domingo é a regeneração dos povos pela firmeza das crenças religiosas, **principal garantia de seu progresso moral e de sua tranqüilidade**.<sup>15</sup>

Observe-se que, no texto citado, a questão da guarda do domingo é posta como a defesa da moralidade e da ordem social, de forma que os propagadores do protestantismo no Rio Grande do Norte podem se representar como os defensores de reformas que visavam à modernização do país, dentro dos princípios de progresso moral e tranqüilidade social, "os interesses os mais vitais de nossa sociedade".

É nesse contexto de preocupação com a ordem e o progresso que podemos compreender os valores relativos à família e à educação no seio da comunidade protestante.

A família estava entre os valores mais altos prezados pelos protestantes. Ela era vista como o microcosmo da

sociedade. Nela, como em toda a sociedade, deveria reinar a ordem, a hierarquia e a harmonia entre seus membros. Isto é patente neste trecho do jornal *O Século*:

*A base da educação é a família; a base da família - a educação. E a educação deve fundar-se nos rígidos princípios da mais sã moral.*

*A família é a primeira e a mais brilhante manifestação da sociedade humana: o seio do amor.[...]*

*E como a sociedade é a reunião de famílias, a família é a base em que repousa aquela.*

*Eduque-se a família cuidadosa e esmeradamente.[...]*

*Eduque-se a família nos rígidos princípios da mais sã moral.[...]*

*Que cada um estude e compreenda seus **deveres** - o irmão, o esposo, o filho, o pai; que os procure cumprir porque o dever é, e por sem dúvida, cetro esplendoroso da majestade humana.<sup>16</sup>*

Os protestantes se colocavam na defesa da família nuclear (pai, mãe e filhos), tal como tendia a se organizar a família nos países que atravessavam estágios mais avançados de industrialização e urbanização. Essa organização familiar diferia da família extensa, nessa época ainda predominante na sociedade brasileira. Nesse contexto, valorizava-se o casamento monogâmico e legalizado. As uniões matrimoniais deveriam ser oficializadas ante o poder civil, como insistiam os propagandistas republicanos do final do século XIX, que procuravam destruir o monopólio que a Igreja Católica Romana exercia sobre vários aspectos da vida brasileira.

A afinidade entre a mensagem protestante e a classe média também se percebe nos conceitos relativos ao traba-

lho, ao esforço individual e ao mérito como as bases da civilização e o verdadeiro caminho da ascensão social e prosperidade.

*O trabalho - palavra de três sílabas que exprime honra e independência!*

*Trabalhai, trabalhai e sereis felizes!*

*Os produtos naturais não teriam grande valor, se pelo trabalho se não tornassem úteis e indispensáveis. [...]*

*O trabalho nobilita o homem, enriquece-o e o torna útil à sociedade.*

*Em geral o homem habituado ao trabalho honesto é sempre um bom cidadão, bom pai e bom amigo.*

*A ociosidade é o germen de todos os vícios. ...*

*As fadigas, que resultam do trabalho, são sempre compensadas pela satisfação que a alma sente ao terminar a obra! [...]*

*O trabalho honra o homem, qualquer que seja a profissão que adote.*

*O trabalho afugenta a miséria, enriquece o espírito e produz felicidade.<sup>17</sup>*

Para uma classe que procurava afirmar-se socialmente, esta mensagem é muito adequada, pois aponta para a possibilidade que cada um tem de construir seu próprio futuro pelo esforço individual. Afirma-se, neste caso, que a posição do indivíduo na sociedade deve ser determinada pelo que ele pessoalmente conquista. Questiona-se a forma tradicional de atribuição de *status*, que não era o resultado do esforço próprio mas uma herança recebida da família ou através de "favores" dispensados pela classe dominante à sua clientela. Para os novos grupos sociais esta mensagem era um estímulo ao cre

cimento pessoal: o homem era responsável pela sua própria posição social, pois esta deveria se modificar de acordo com os resultados obtidos no empenho individual. Ao mesmo tempo mostra uma forte consonância com as preocupações das elites econômicas pós-escravistas em torno da necessidade de arregimentar as classes subalternas para o trabalho disciplinado num regime de assalariado. Para essas elites, bem como para as novas categorias sociais empenhadas em um processo de modernização da sociedade, o trabalho deixava de ser vergonhoso e passava a ser representado como algo que dignificava a pessoa humana.

Essa "ideologia do trabalho", em que o trabalho honesto era representado como o caminho do enriquecimento e da felicidade, constitui um forte componente manifesto na mensagem protestante divulgado no Rio Grande do Norte. Nesse contexto de defesa do trabalho laborioso podemos compreender o veto da igreja protestante à participação em jogos de azar:

*O jogo é a contração de todos os vícios em um só; a transformação rápida e sucessiva do passatempo em vício, do vício em crime, do crime atentado; [sic] o culto a uma divindade ímpia, que primeiro pede dinheiro, depois os bens, depois a honra, depois a família, depois a vida, finalmente a alma; a fortuna conduz a sua vítima crédula e confiada por entre caminhos bordados de flores, para depois o despenhar em um precipício, ao som de uma estrondosa gargalhada.<sup>18</sup>*

E em outro trecho do jornal *O Século* se critica a Igreja Católica Romana porque "aceita benefícios das loterias, portanto autoriza este jogo que desmoraliza os seus proprietários e degenera os pobres jogadores que se entregam

ao vício, perdendo a fortuna e empobrecendo a família".<sup>19</sup>

Essa mensagem tinha afinidade com ideais que apontavam para a possibilidade de sucesso e enriquecimento exclusivamente como resultado natural do trabalho laborioso e da capacidade do indivíduo, rejeitando outras formas de ascensão, quer fosse através do "favor", quer a sorte no jogo. Além do mais o jogo representava o desvio de dinheiro em uma atividade não produtiva.

Na sociedade brasileira pós-escravista, em que a relação entre trabalhador e patrão é retratada como um "contrato" entre iguais, no qual um vende a força de trabalho e outro a compra, o cumprimento do dever e a honestidade nos negócios assumiram, ao nível ideológico, uma importância fundamental que recebia uma forte sanção religiosa por parte dos protestantes, cuja mensagem fazia a defesa da verdade, combatendo a mentira. No jornal *O Século* a mentira é vista como uma violação a Deus e ao próprio homem:

*Nosso Senhor Jesus Cristo, falando com os fariseus, disse que o "diabo é o pai da mentira", e vendo a prevaricação deles, chamou-os de "filhos do diabo".*

*O Salvador aqui nos ensina a origem da mentira. É obra e arma do "diabo"; logo todos os que mentem estão nisso servindo ao diabo.[...]*

*A mentira é vil porque é contra a lei santa de Deus. É vil porque estraga o caráter. É tão vil que o selvagem que não sabe de Deus e seus Mandamentos, muitas vezes tem consciência da perversidade que há em enganar o próximo.[...]*

*Toda mentira é uma ofensa a Deus. Ananias e Safira as-sentaram de enganar ao apóstolo Pedro, e o Espírito Santo os fulminou. O cristão, portanto, não pode com-*

*pactuar com a mentira.*<sup>20</sup>

Entre os protestantes a falta de honestidade nos negócios não era um "bom testemunho", e recebia punição. O membro poderia ser suspenso da participação na Ceia do Senhor ou, em caso extremo, ser expulso da comunidade, se não se regenerasse. Cabia ao conselho de presbíteros receber as denúncias, apurar os fatos e aplicar as sanções, se fosse o caso.

As rígidas normas de comportamento defendidas pelos protestantes criaram grupos portadores de uma subcultura que, ao mesmo tempo em que os afastava da sociedade circundante, reforçava valores que manifestavam uma forte consonância com o novo conjunto de idéias e representações oriundas daquela mesma sociedade que, no final do século, se encontrava no início do longo caminho da transição para o capitalismo. Na sociedade norte-rio-grandense, presa a laços de subordinação e dependência (patriarcalismo, compadrio, clientelismo) a posição social da pessoa estava ligada a critérios de nascimento e favor. Rompendo vínculos tradicionais e pregando que a posição do indivíduo na sociedade moderna é mutável, o protestantismo serviu de reforço à libertação do indivíduo dos entraves que o sistema tradicional representava para a mobilidade individual. A crença de que a posição social deveria variar de acordo com os resultados obtidos pelo trabalho, esforço e competência individual servia como um estímulo para os novos grupos urbanos, distanciados do rígido mundo rural.

## N O T A S

- ( 1 ) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris, dir. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978. p. 11-12.
- ( 2 ) Id., *ibid.* p. 27.
- ( 3 ) Um quadro mais completo da situação sócio-econômica do Rio Grande do Norte na Primeira República pode ser encontrado em: MARIZ, Marlene da Silva. *A Revolução de 1930 no Rio Grande do Norte (1930-1934)*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco; Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1984. p. 30 ss.
- ( 4 ) O "favor" define a dependência destas categorias sociais às classes dominantes. Estas controlam a ascensão à vida social e aos seus benefícios, concedendo-os aos seus "protegidos". Sobre o tema consultar: SAES, Décio. *A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (Estudos brasileiros, 86). p. 289-290. SCHWARZ, Roberto. As idéias fora de lugar. *Estudos CEBRAP*. São Paulo, CEBRAP, (3): 153, jan. 1973.

- ( 5 ) A este respeito ver: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celes-  
te porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*.  
São Paulo, Ed. Paulinas, 1984. (Estudos e debates  
latino-americanos, 10). p. 30-32.
- ( 6 ) O Século, nº 12, 12. set. 1895. Grifos meus.
- ( 7 ) Idem, nº 13, 20. set. 1895. Grifos meus.
- ( 8 ) CÉSAR, Waldo A., ed. *Protestantismo e imperialismo na  
América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1968. p. 93-94.
- ( 9 ) O Século, nº 42, 24. ago. 1896.
- (10) Idem, nº 46, 12. out. 1896. Grifos meus.
- (11) Idem, nº 50, 30. nov. 1896.
- (12) BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para  
uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Ed.  
Paulinas, 1985. (Coleção sociologia e religião, 2).  
p. 108 ss.
- (13) O Século, nº 26, 28. jan. 1896.
- (14) Idem, nº 1, 11. mai. 1895. Grifos meus.
- (15) Idem, nº 21, 10. dez. 1895. Grifos meus.
- (16) Idem, nº 14, 28. set. 1895. Grifos meus.
- (17) Idem, nº 25, 18. jan. 1896. Grifos meus.
- (18) Idem, nº 51. 17. dez. 1896.
- (19) Idem, nº 11, 28. ago. 1895. Grifos meus.
- (20) Idem, nº 1, 11. mai. 1895.

CAPÍTULO IV

A AFIRMAÇÃO DA IGREJA PROTESTANTE

PERANTE A SOCIEDADE NATALENSE

A AFIRMAÇÃO DA IGREJA PROTESTANTE  
PERANTE A SOCIEDADE NATALENSE

Na análise da implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte, é preciso realçar que os conceitos teológicos, os valores morais, as concepções de vida e as maneiras de agir foram trazidos por missionários norte-americanos, em sua maioria, e, neste caso eram coerentes com o sistema valorativo na sua sociedade de origem. Esse conjunto de valores do protestantismo possuía pontos de consonância com alguns setores da sociedade brasileira do final do século XIX e começo do século XX, o que nos ajuda a entender o enraizamento dessa forma religiosa nesse período no Brasil.

Sobretudo a classe média urbana e alguns setores da elite, que estavam interessados nas mudanças que adequariam o país para o seu novo papel no quadro econômico internacional, se mostraram sensíveis à mensagem protestante. O ideal dessas categorias incorporara valores das sociedades capitalistas mais avançadas, no momento mesmo em que o Brasil passava por profundas transformações, tais como o fim do estatuto da escravidão, expansão do trabalho livre, crescimento econômico e desenvolvimento urbano.

A propaganda protestante difundida no Rio Grande do Norte estava constantemente se referindo ao progresso. Definia-se o progresso a partir de critérios de prosperidade

material, maior eficiência dos meios de produção, utilização de tecnologia mais avançada, enfim, imitação do modelo de desenvolvimento dos países que experimentavam os desdobramentos da Revolução Industrial. À luz do pensamento protestante o progresso de uma nação está ligado à qualidade de vida moral desta, e, em última análise, ao sistema religioso professado na sociedade. Assim, quanto "mais perfeita", "mais elevada" e "pura" for a religião de um povo, maior e mais notável será o seu progresso.

E logo o protestantismo se atribui a si próprio aquelas qualidades que levam os povos a progredirem e se destacarem perante os outros povos. Os protestantes se apresentam à sociedade brasileira como portadores dos valores que vão necessariamente conduzir ao progresso, ao desenvolvimento. No jornal *O Século* podemos ler:

*Foi por isso que eu considerarei, julgo o cristianismo protestante muito mais adiantado e elevado, como Religião, do que o cristianismo romano, porque não fala à imaginação pelas pompas exteriores do seu culto, porém impõe-se ao coração pelo encanto suave de suas verdades. E, como tal, como religião pura, elevada, sincera e verdadeira, acompanhando a lógica convincente e irrefragável da História, e concluindo da observação criteriosa e imparcial da atualidade, é ela, direi, que está destinada a apresentar, com o correr dos anos, a solução desse extraordinário problema social, de que depende a felicidade e a glória desta Pátria - a questão religiosa!.<sup>1</sup>*

Quando o protestantismo apela para a "lógica convincente e irrefragável da História" e para a "observação

critérioriosa e imparcial da atualidade" ele quer se referir à idéia de que os povos mais evoluídos do mundo são aqueles onde o protestantismo é professado pela maioria da população. Em contrapartida, os países católicos romanos são atrasados economicamente. Essa tese veio a ser expressa por Émile de Laveleye em sua obra "*Do futuro dos povos católicos*", que foi publicada, em capítulos, no jornal *O Século*, e chegou a ser bastante divulgada entre os protestantes. Há uma admiração pelas "nações protestantes" - Inglaterra, Suíça, Alemanha, Escócia - e em especial pelos Estados Unidos. Estes representariam a concretização irrefutável do que pode fazer a religião protestante na vida de um povo. Ali se tornaram realidade histórica os ideais de progresso econômico, de liberdade e de democracia.

Para os protestantes, esse progresso se verificaria também no Brasil na medida em que a liberdade religiosa trazida pela República se efetivasse e houvesse a expansão do protestantismo. Numa edição de *O Século* publicou-se:

*As grossas trevas que até certa época envolviam o Brasil quanto a matéria religiosa, que o impedia de dar passos gigantescos na indústria, nas artes, na literatura, etc. começam a ser dissipadas pela divina luz que, brilhando a dezenove séculos na Palestina, tem multiplicado os seus raios benéficos, dando calor e vida às nações que se achavam mergulhadas na mais completa e horrenda corrupção.*

*Pois bem, essa luz divina, admirável, vivificadora, graças à Providência, também tem chegado a estas remotas paragens, e os seus preciosos frutos também começam a manifestar-se no meio da família brasileira.*

*Com a República nasceu o grande ensinamento da consci-*

*ência.*

*A liberdade religiosa que ela nos trouxe emancipou a família, presa ao jugo do carcomido trono e fanatizada pela infalibilidade papal.[...]*

*Com a marcha progressiva da República, alimenta-nos a esperança de em breve vermos a nossa pátria inteiramente redimida e dando passos firmes no caminho da retidão, porque só no Evangelho teremos o progresso material e espiritual de um povo.*

*A verdadeira luz está raiando em todos os recantos de nosso belo país.*

*O Evangelho progride!<sup>2</sup>*

Ao falar de progresso e transformações, no entanto, o protestantismo não representa uma vanguarda revolucionária que luta por mudanças radicais das estruturas sociais. O corpo protestante se caracteriza nesse período pela pregação de uma mensagem conversionista para a salvação individual. Não havia nenhum projeto revolucionário a ser apresentado à sociedade. O progresso, a transformação social eram resultados da conversão individual. Os protestantes, como igreja, não se engajavam na solução das graves questões que afetavam a vida nacional. Para eles a solução dos problemas sociais se apresentava de maneira muito simplista: a "evangelização" da sociedade brasileira. Acreditando que a causa dos problemas sociais era de natureza moral e, em última análise, espiritual, os protestantes pregavam ser necessário a "conversão" de toda a nação para que o Brasil se colocasse na senda do progresso. O *Século* expressa isso com frequência, como neste texto:

*É triste o aspecto das nações onde, infelizmente, domina ainda a Igreja Romana.*

Comprimida sob o pé possante do anjo da verdade dos Evangelhos, hoje, mais do que nunca, se estorce e vociferava contra o mundo culto que avança em seu **caminho luminoso**, mas **árduo e constante do progresso**. [...]

Dos abusos da Igreja de Roma tem nascido o maior de todos os males - a perda da fé religiosa. É este o cancro que mina e corrói a sociedade dos nossos dias. Para opor um dique a esta torrente impetuosa e devastadora, devem unir-se todos os que desejam o **progresso da sua pátria**, a paz e a união de suas famílias, evangelizando "Vida Nova". [...]

VIDA NOVA - opondo ao trabalho de sapa jesuítico, luz, muita luz, que é a condição indispensável para tornar larga e livre a **estrada amplíssima e luminosa do progresso moral e da civilização de um povo**.

Nesta "Vida Nova" está o **engrandecimento da Pátria**, a nossa **liberdade futura** e a **liberdade** dos nossos filhos.

Unamo-nos, pois, nesta santa cruzada, que terá o **Evangelho por sustentáculo**, e não irá naufragar no **servilismo proveniente da ímpia e idôlatra Igreja de Roma**.<sup>3</sup>

O protestantismo, assim, se representava como identificado com a cultura, a ciência, a razão, a liberdade; enquanto apontava o catolicismo romano como ligado à ignorância, à superstição, à irracionalidade.

Com tal perspectiva sobre a transformação da sociedade, o protestantismo no Rio Grande do Norte mostrou sempre uma ética social de caráter assistencialista, procurando somente minorar os sofrimentos dos que passavam necessidades. Desde a sua organização eclesiástica, foram eleitos na igreja de Natal oficiais que recebiam o nome de diáconos. Estes

tinham suas funções definidas em visitar os irmãos, procurar saber de suas necessidades e socorrer os pobres, sobretudo os da "família da fé" (Gál. 6:10). As coletas retiradas em meio aos fiéis, por ocasião dos cultos, no 4º e no 5º domingo de cada mês, destinavam-se à assistência aos pobres da igreja. O conselho de presbíteros também resolveu que o dinheiro arrecadado no segundo domingo de cada mês não tivesse, absolutamente, outra aplicação senão o enterro dos pobres da congregação. Foi também criado na igreja um fundo assistencial chamado de "monte de socorro". Senhoras necessitadas e enfermas eram ajudadas por verbas dessa provisão.<sup>4</sup>

A defesa das instituições republicanas representava outro aspecto de concordância entre o pensamento protestante e setores da sociedade brasileira. A República, recém-proclamada no Brasil, havia instituído a separação entre a Igreja e o Estado. Essa situação era favorável ao protestantismo, antes restringido pelos preceitos constitucionais e apenas tolerado. Daí por diante os protestantes lutarão para tornar a igualdade legal, frente ao catolicismo romano, uma situação de fato e pouco a pouco ampliam-se as suas conquistas. Beneficiários do regime republicano e cheios de admiração pela "grande República norte-americana", presente na pessoa dos missionários, os protestantes sempre estavam fazendo loas ao novo regime. No jornal *O Século*, a pretexto da comemoração da proclamação da República, publicou-se:

15 DE NOVEMBRO

*Página imortal da história pátria: a consciência nacional conquistou, com a lava do patriotismo, a luz da liberdade, ao vôo do pensamento:*

*Salve!!*

*Que importa que os agoureiros da República malsinem as*

instituições hodiernas, como se a pureza do pensamento **republicano** tivesse, nos sentimentos do povo brasileiro, que se governa pelos seus bríos os estandartes das liberdades pátrias, - a mesma oscilação do termômetro das ambições monárquicas que já não podem ocultar a sombra do sigilo, o pensamento triste, a infamante idéia de que há brasileiros que "são nascera para ser escravos"!

É uma conjectura tristíssima, mas digamo-lo: - quem diz - Sou monarquista -, tem dito: "Sou incapaz de ser livre, de gozar das liberdades, dessas liberdades que almejam todos os povos!"

Ser escravo! [...]

É este o grito, é este o pensamento que se abriga a bandeira dessa falange de "príncipe das extorsões", mas que a consciência nacional há de sufocar, de reprimir, repelindo essa afronta aos bríos e a dignidade da grande República, que se levanta a admiração do futuro!

Salve 15 de novembro!

O estado financeiro do país, a crise que predomina em todas as classes, para onde apelam os inimigos da República, longe, bem longe de ser o despenhadeiro das aspirações ultra-mares é, ao contrário, o cunho mais nobre e honroso das convicções de um povo, pronto e resolutos, a preferir até a penúria e a miséria máximas com o domínio de sua consciência, a luz da liberdade, ao jugo mercenário e torpe do despotismo a escravizar-lhe o pensamento, a reprimir-lhe a vontade, a tolher-lhe a liberdade, a santa liberdade com que sonharam e morreram os mártires das glórias do passado.

Salve 15 de novembro!

O ideal republicano não hã de arrefecer, hã de abrigar se ã consciência e ã vontade, filhas do heroísmo deste povo.

Uma conquista do pensamento vale bem uma batalha de luz!<sup>5</sup>

Deste modo, os protestantes sempre se apresentavam como ligados às forças renovadoras e progressistas. Ao mesmo tempo em que acusavam a Igreja Católica Romana de se aliar ao conservadorismo, lutando contra as instituições republicanas. Este trecho de *O Sêculo* é um exemplo desta posição:

Desenganem-se os adeptos da defunta monarquia, ela não ressurgirá jamais da vala em que atirou-a a consciênciã nacional.

A República, que tantos benefícios e melhoramentos materiais jã tem trazido ao Brasil pela sublimidade de sua instituição, que educa e civiliza o povo, unindo-o fraternalmente por meio da igualdade e liberdade, trará infalivelmente o aperfeiçoamento do espírito no conhecimento pleno das coisas celestiais.

O despeito, porém, que fere e abate o espírito clerical, por se ver hoje privado das pompas e honras oficiais, que lhe prestara a decaída instituição monárquica, cercando, exclusivamente, a sua religião das maiores garantias, dando-lhe o supremo poder de suplantar os fracos e pequeninos, e perverter os grandes e potentes, leva-o ao desespero inqualificável de lançar sobre o novo regime as maiores diatribes que sã nos mosteiros podem ser acolhidas.

Prossigam em seu nefando itinerário e a República progredirá, bela, nobre e ativa, educando o povo e facul

tando-lhe ampla liberdade de consciência.

O povo há de se evangelizar.

Na tribuna e na imprensa havemos de bater os erros do romanismo e mostrar que só no Evangelho, religião da liberdade, é que se encontra o aperfeiçoamento do espírito.<sup>6</sup>

Esta maneira de encarar o protestantismo como uma religião depurada pela razão, e ligá-la ao ideal republicano e à liberdade individual encontra certo respaldo entre figuras de destaque da recém-proclamada República. O jornal protestante *O Século*, em sua edição de 28 de agosto de 1895, abriu espaço em suas colunas para a publicação de uma resposta dada por Rui Barbosa a declarações de Afonso Celso, um dos líderes do movimento monarquista nos primeiros anos da República,<sup>7</sup> de que aquele havia renunciado a suas antigas crenças religiosas. Escrevendo da Inglaterra - "paraíso das liberdades", de acordo com suas palavras - Rui Barbosa reafirma sua crença nos valores espirituais do cristianismo, "religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz; religião em cujas entranhas se formou a civilização moderna, em cujo seio sugou o leite de suas liberdades e de suas instituições e cuja sombra amadurecerá e frutificará sua virilidade". Ao mesmo tempo ele rejeita práticas do catolicismo romano, tais como o uso do latim, o ritualismo pomposo, seu sacerdotalismo, a corrupção moral do clero e a infalibilidade papal. Finalmente reafirma suas convicções republicanas, negando ter-se convertido ao *anacrônico monarquismo*.

No entanto, as mudanças trazidas pela República criaram "um novo modelo de exclusão política" - no dizer de Paulo Sérgio Pinheiro. As instituições republicanas atendiam aos anseios das novas categorias urbanas em ascensão, que de

sejavam participação política e lutavam pelo rompimento dos privilégios da aristocracia rural, sustentáculo do edifício monárquico. Mas, em seu *elitismo*, não desejavam criar condições para que as massas populares interviessem no processo de mudança política.<sup>8</sup>

Igualmente os protestantes ansiavam por mudanças, e progresso, sem revolução.

Em suma, o protestantismo tendia com sua mensagem a reforçar os valores, idéias e práticas que caracterizavam o liberalismo republicano no Brasil. Os protestantes aceitavam, como alguns entusiastas da modernização, que para mudar a sociedade é necessário que se transforme o homem e seus valores, e não as condições sociais em que vive.

Juntamente com a defesa do progresso e do ideal republicano divulgado na imprensa, a atuação da escola evangélica serviu para integrar a comunidade protestante na sociedade do Rio Grande do Norte. Permeada dos elementos ideolôgicos que acompanhavam a divulgação do protestantismo no Brasil, as escolas atraíram elementos da sociedade que, embora não protestantes, tinham certos valores e ideais em comum com o protestantismo. As escolas foram também veículos de afirmação do caráter "progressista" do protestantismo, uma vez que elas se moldavam pelas escolas norte-americanas, tidas como possuidoras de uma educação mais avançada. Assim, a obra educativa atuava como elemento de reforço para a aceitação do protestantismo, uma vez que ajudava a quebrar barreiras e preconceitos sociais contra os protestantes.

Na perspectiva dos missionários norte-americanos, as escolas eram importantes para quebrar o domínio da Igreja Católica Romana que, segundo se dizia, mantinha sua supremacia devido à "ignorância" popular e ao controle do sistema

educacional. Sobre isto escrevia o Rev. William Calvin Porter, em 1890:

*O poder dos jesuítas por mais de trezentos anos os tem deixado em degradação intelectual e moral. A igreja romana se opõe frontalmente à educação, pois somente mantendo as pessoas na mais grosseira ignorância ela pode escravizar a alma humana com suas infames superstições e sua idolatria. Quando eu falo do catolicismo tenho em vista aquele catolicismo em países onde ele tem tido supremacia, e não suas formas modificadas na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde a opinião pública obriga Roma a admitir a Bíblia. O Brasil, com seus quatorze milhões, está muito atrás em educação no mundo por causa da influência clerical. As estatísticas, que são em todo caso muito imprecisas, atestam que quatro quintos da população não sabem ler. O clero, ele próprio um corpo muito corrompido, não tem ensinado moralidade ao povo; e em sua cegueira e ignorância ele tem seguido seus sacerdotes. Mas há sempre um momento de reação, e o povo, a despeito de sua tirânica orientação jesuítica, tem sido tocado com a brilhante centelha do Evangelho, e, agora desperto, está procurando a luz e a vida. Eles têm se levantado e lutado contra a monarquia e rejeitado a igreja oficial. Agora, mais do que nunca, é hora do povo de Deus entrar e tomar posse, antes que a infidelidade, como na França, se apodere das pessoas. Eles são como ovelhas sem pastor, e seguirão o primeiro que os chamar.<sup>9</sup>*

Os missionários estrangeiros escandalizavam-se também com o que eles consideravam o relaxamento moral predominante entre os brasileiros. Neste caso a educação deveria con

tribuir para o melhoramento moral da sociedade, de modo que esta viesse a ser permeada dos valores "cristãos", que, na prática, significava moldar a sociedade brasileira à imagem dos Estados Unidos e da Europa. Em 1873, John Rockwell Smith, pastor no Recife, já afirmava que a grande necessidade do Império era um sistema de educação, e enfatizava, *educação moral*. Isto porque, na opinião desse missionário, "a frouxidão da moral exibida em toda parte nas ruas em pleno dia, a linguagem nos lábios dos homens, a grande falta de decência nas ruas, declaram a falta de todo sentimento moral. As escolas são necessárias para cultivar o sentimento de moral da juventude, para incutir a virtude, para formar uma opinião pública segura, bem como para ensinar um aprendizado saudável. É dito que poucos são os juizes que não podem ser subornados. E é este fato estranho com tais professores religiosos? O Brasil está despertando intelectualmente. *As escolas são necessárias para imbuir as crianças com verdades sadias, para quebrar as algemas da superstição e dos erros, que durante tanto tempo acorrentaram este povo, para educar a consciência na moralidade da Bíblia*".<sup>10</sup>

Nessas circunstâncias teve início um trabalho na área da educação, tão logo os Porter fixaram residência em Natal. As escolas públicas, além do ensino deficiente, sofriam a influência do clero católico romano. Sendo assim, alguns membros da igreja de Natal pediram à Sra. Katherine Porter para abrir uma escola onde pudesse receber seus filhos. Com apenas seis crianças a escola foi iniciada. Porém a afluência de mais alunos obrigou à ampliação do trabalho.

Os missionários, sentindo a necessidade de alguém para trabalhar exclusivamente nesse campo, solicitam uma professora ao Comitê Executivo da Missão, sediado nos Estados U

nidos. A missão em Natal estava apenas começando e o Comitê Executivo não se sentia seguro para atender tão prontamente a esse pedido. Mas, finalmente, no segundo semestre de 1896 a missão norte-americana nomeava a Srta. Rebecca Morrisette, para dirigir uma escola em Natal, que se chamaria, significativamente, *Colégio Americano*. Rebecca T. Morrisette, de ascendência francesa, nascera em Newbern, no Estado de Alabama. Sua formação lhe permitia ensinar o curso primário e secundário, música e desenho.

O Colégio Americano em Natal foi oficialmente instalado no dia 11 de janeiro de 1897. Contava na ocasião com quarenta e seis alunos, tendo Rebecca Morrisette à frente, auxiliada por uma brasileira, Sidrônia de Carvalho, membro da igreja presbiteriana.

De acordo com a visão dos missionários acerca da educação no Brasil, a escola passou a funcionar incluindo diariamente instrução bíblica e estudo do Breve Catecismo. Este ensino religioso despertava suspeitas, mas não chegaram a se constituir em obstáculo para alguns católicos romanos ali matricularem seus filhos, pois o currículo dessa escola era considerado mais "moderno" uma vez que se pautava pelos modelos norte-americanos. Os receios por causa da instrução religiosa desapareciam rapidamente e já em 1898 a escola precisou recusar alunos por falta de espaço na sala. Em 1901 contava com setenta e nove alunos que ocupavam as três salas de aula disponíveis. No final desse ano o Colégio Americano transferiu-se para uma casa com cinco salas, o que possibilitou a organização de novas turmas.<sup>11</sup>

Pouco tempo ficou Rebecca Morrisette à frente do Colégio Americano em Natal. Em 1898 casou-se com João Leopoldo

do Raposo da Câmara, presbítero da igreja presbiteriana, e solicitou o seu desligamento da missão. Sendo João Leopoldo proprietário de terras na zona canavieira do Estado, Rebecca Morrisette da Câmara deixou a direção da escola e passou a residir no Engenho Alabama, no vale do Ceará-Mirim.

Novos pedidos de uma professora para Natal foram enviados à missão. Dessa vez foi designada a Srta. Eliza Reed, que viera para o Brasil em 1894 e já trabalhara no colégio protestante em Lavras (MG). Eliza Reed chegou a Natal em 1899 para continuar o trabalho de Rebecca Morrisette. A escola aumentava, sendo já necessário um corpo docente maior para atender à demanda de alunos e às novas classes que eram organizadas. Desse modo, paralelamente ao trabalho com as crianças, a nova diretora estabeleceu um curso normal, com vistas a preparar jovens brasileiras para o magistério. Em 1901 essa classe normal era constituída por Sidrônia de Carvalho, Edelbertina Filgueira e Silva, Arminda de Faria Caldas, Maria Magalhães e Amália Benevides. Dentro de pouco tempo esse treinamento as preparava para trabalharem sozinhas, e estas professoras assumiam as diversas turmas do Colégio Americano.

O Colégio Americano recebia crianças de ambos os sexos. No entanto, após a conclusão do curso primário, os alunos que não faziam o Curso Normal eram obrigados a deixar o estabelecimento. Em 1903 já havia razoável número de alunos nessa condição. Por essa ocasião transferiu-se para Natal o Rev. Jerônimo Gueiros, jovem pastor ordenado em 1901, que veio auxiliar o Rev. Porter no campo missionário do Rio Grande do Norte, assumindo o pastorado da igreja da capital. Chegado à cidade e encontrando o problema dos alunos mais velhos, o Rev. Jerônimo Gueiros veio dar uma solução, criando

e dirigindo o *Externato Natalense*, outra escola que se pautava pelas diretrizes do Colégio Americano. No corpo docente do novo estabelecimento figurava o nome do seu diretor, do Rev. Porter, do Prof. Manuel Garcia e de Clementino Hermógenes da Silva Câmara.<sup>12</sup>

A afluência de mais alunos a cada ano estimulava os missionários a levar adiante o trabalho da escola. Porém havia problemas. A falta de recursos pecuniários ameaçava constantemente a existência do Colégio Americano de Natal. Muitos alunos recebiam o ensino gratuitamente. Outros pagavam uma taxa reduzida. E somente uma minoria pagava a mensalidade completa. Com apenas esses recursos o colégio não poderia se manter se não fossem as dotações vindas do Comitê Missionário. Em 1904 Eliza Reed foi transferida pela missão para a cidade do Recife, e Katherine Porter, que assumiu a direção da escola, solicitou ao Comitê um pequeno aumento nas dotações a fim de poder continuar o trabalho e melhorar um pouco o salário dos professores. Também foi cogitada a compra de uma casa conveniente para acomodar todos os alunos.

Mesmo com esses problemas, as atividades escolares foram iniciadas em 1906, com sessenta e quatro alunos na primeira semana de aulas e doze pretendentes que não puderam ser recebidos por falta de acomodações. Mas foi esse o último ano de funcionamento do Colégio Americano. Numa nota lacônica o Rev. Porter comunicava ao comitê missionário esta decisão:

*A Sra. Porter prosseguiu no trabalho da escola para a inteira satisfação da clientela. Mas o esforço foi grande demais para ela; sua saúde ficou muito abalada. Como ninguém mais poderia assumir a responsabilidade pe*

la escola, e como nós não temos nenhum suporte financeiro, decidimos fechá-la em outubro. Por ocasião do encerramento das atividades haviam setenta e dois alunos arrolados.<sup>13</sup>

Não obstante o fato de a escola ter sido forçada a fechar em 1906, tendo uma existência relativamente curta, a sua importância para a implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte não deve ser subestimada.

Na visão dos missionários, o colégio deveria ser prioritariamente um meio de evangelização indireta. Através do colégio a mensagem do Evangelho atingiria os alunos. Diariamente, portanto, havia instrução bíblica e ensino do Breve Catecismo, a cargo da diretora da escola e das professoras que eram membros da igreja. Porém os resultados do colégio como estratégia proselitista não estão bem claros. Apesar de o Rev. Porter ter afirmado que a escola tinha uma boa influência no trabalho missionário, são escassas as referências a pessoas que se converteram ao protestantismo por causa do trabalho feito na escola. Sidrônia de Carvalho, em artigo escrito para a revista *The Missionary*, se refere a apenas duas moças que acreditava estarem verdadeiramente convertidas. Katherine Porter nos conta de Arminda Caldas, que aprendeu o Evangelho na escola protestante e que, posteriormente, fez profissão de fé na Igreja Presbiteriana de Natal.<sup>14</sup>

Mas, se o colégio não foi instrumento eficaz para a conquista de novos adeptos, certamente contribuiu para a transmissão daqueles valores enfatizados pelos protestantes, tais como já analisamos anteriormente. O individualismo, a exaltação da liberdade, a igualdade de oportunidade de ascen

são social, a responsabilidade pessoal, e outros valores semelhantes eram transmitidos por meio da educação ministrada no colégio protestante. Os missionários sempre enfatizavam a importância de permear a sociedade dos valores morais "cristãos". Isto significava, na verdade, a transmissão da prática e ideais religiosos que eles conheciam em sua sociedade de origem. Entre os missionários dominava a convicção de que através da obra educativa poderiam atingir a sociedade brasileira de maneira mais eficiente, colaborando com a renovação da mentalidade. Esta influência na sociedade seria tanto maior quanto mais pudessem ser conquistados membros da "elite" da comunidade. Daí a referência da presença, no Colégio Americano de Natal, dos filhos do governador do Estado, de um senador, do Cônsul dos Estados Unidos e do comandante do Batalhão de Segurança Pública, enviados não obstante seus pais terem "o perfeito conhecimento de que a escola era parte da propaganda protestante e que todos os alunos deviam estudar a Bíblia e o Breve Catecismo".<sup>15</sup> E o Rev. Porter afirmava que se fosse possível suprir a escola com um prédio próprio e um adequado corpo docente, estaria sempre cheia de alunos das "melhores famílias" da cidade e das regiões circunvizinhas. A existência destes elementos atuava como reforço à presença da igreja na sociedade que, na sua maior parte, ainda era hostil ao protestantismo.

Essa influência da escola escapa a quaisquer critérios de mensuração. "Sabe-se muito bem que os efeitos de uma educação indireta por via de atitudes, modos de vida, visão uniforme e coerente da realidade etc. são mais importantes do que a instrução".<sup>16</sup> Temos um testemunho dessa influência no caso do ex-presidente Café Filho, que, em criança, teve o Rev. Porter como seu primeiro professor. Café Filho de-

clarou que Calvin Porter fora uma grande influência na sua vida, visto que procurava "inculcar a idéia de democracia entre os estudantes". E, sobre o Colégio Americano de Natal, escreveu que "lá se devem encontrar as raízes, as origens, a fonte distante, porém inspiradora, de muitas decisões em minha carreira de homem público".<sup>17</sup>

Certamente a maior contribuição do Colégio Americano de Natal foi servir de reforço à imagem progressista com a qual os protestantes procuravam se apresentar à sociedade. A educação ministrada no colégio protestante se inspirava nos modelos adotados nas escolas norte-americanas. Tal ensino era visto como avançado face à educação tradicionalmente ministrada no Brasil. Em lugar do costumeiro sistema de cantarolar as sílabas e a tabuada em coro, exigida sob a ameaça de punições físicas, os métodos trazidos dos Estados Unidos eram mais intuitivos e silenciosos, sem excessiva memorização.

As escolas missionárias introduziram novos currículos no Brasil. "O que era ensinado nas escolas paroquiais e nos cursos elementares dos colégios divergia dos currículos em voga na escola tradicional. Nota-se a introdução de várias novidades no ensino elementar, como regras de arte literária, ciências, recitação de poesias em português, francês e inglês, execuções musicais, canto ao piano, exercícios calistênicos etc."<sup>18</sup>

O aspecto progressista da educação protestante também se manifestava nas idéias acerca da mulher, valorizada como companheira e auxiliadora do homem, e não simplesmente como objeto de exploração, sem direitos, e totalmente dominada pelo seu cônjuge. O Rev. Porter afirmava que "a condição da mulher desenvolvida nesta escola até aqui tem sido uma re

velação no Brasil, e dado uma nova idéia da condição cristã da mulher para aqueles que têm entrado em contato com os que recebem educação ali".<sup>19</sup> Uma das alunas do Colégio Americano explicou: "A escola tem feito muitos amigos e mudado as idéias dos pais brasileiros com relação à vida das moças. Elas estão se tornando mais propensos a não nos fazer casar tão cedo e a permitir escolhermos nossa própria vida. Outro dia o governador felicitou uma jovem aluna pelo fato da senhorita Reed tê-la escolhido para a classe normal. Ela tem treze anos de idade e seu pai não a fará casar-se agora - só casará quando quiser - embora muitas pessoas o critiquem por causa de suas novas idéias".<sup>20</sup> Em 1913, a Missão do Norte do Brasil reconheceu o valor do trabalho da Profa. Eliza Reed, que "instalou uma Escola Normal feminina na cidade do Natal, onde fez um trabalho singular que foi reconhecido pelo governador e senadores e outras pessoas de proeminência como sendo do mais alto valor para o Brasil, *ao chiar um tipo de mulher que era anteriormente desconhecido naquela região*".<sup>21</sup>

O magistério feminino foi outro aspecto do pioneirismo das escolas protestantes. O professorado masculino era a regra na época. No final do século XIX dezenas de professoras missionárias desembarcaram no Brasil. Quiçá pelo aspecto naturalmente maternal dessas educadoras ou pelos métodos empregados, a disciplina nas escolas gradualmente foi sendo modificada. No ensino tradicional, a disciplina mantida pela constante ameaça de severos castigos físicos tornava o ambiente escolar amedrontador.

Em suma, a educação trazida pelas missões norte-americanas antecipava no Brasil uma nova mentalidade, mais pragmatista e utilitarista, o magistério feminino, as classes mistas, os novos métodos pedagógicos e disciplinares,

uma certa ênfase científico-tecnológica num universo de tendência literária e bacharelesca, a valorização do trabalho e a prática da educação física e dos esportes.

Este "espírito" da educação protestante e suas raízes norte-americanas foi captado por Oliveira Lima que, em visita ao Rio Grande do Norte, afirmou:

*Ouvi que exercem grande influência em Natal na sua atividade de educadoras - duas americanas, Miss Reed e Miss Porter, se não me engano. Miss Leora James, a diretora incomparável da Escola Doméstica, que pela organização e pela disposição parece um pedaço dos Estados Unidos encravado no Rio Grande do Norte, não faz mais do que seguir-lhe as pegadas da esfera que lhe proporcionou a lúcida iniciativa do Governo. A educação americana é útil pelo seu espírito adequado às vicissitudes da vida, pelo bom humor que preside ao seu desenvolvimento, por uma tonalidade que não é apenas jovial mas altamente eficiente. Considero-a mais vantajosa para a nossa mentalidade, mais pautada pelas convenções.*<sup>22</sup>

A orientação da educação protestante coincidia com o pensamento de muitos brasileiros que desejavam uma nova perspectiva no sistema educacional do país. Um porta-voz dessa mentalidade mais avançada foi Tavares Bastos. Ainda na época do Império, em suas "Cartas do Solitário", atacava o currículo brasileiro tradicional e considerava pedante a orientação adotada, baseada no Latim e na Retórica. Desejava ele uma educação mais pragmática, que produzisse cidadãos úteis, como os ingleses, alemães e norte-americanos, em vez de sollicitadores de empregos públicos.<sup>23</sup>

Desse modo as escolas protestantes angariavam a simpatia de muitas autoridades públicas. No Colégio Americano de Natal, o final de cada ano letivo era comemorado com festividades e apresentações que permitiam aos alunos demonstrarem o que haviam aprendido durante aquele tempo. Essas festas eram prestigiadas pela presença do governador do Estado, de senadores e outras autoridades. O coronel Manuel Lins Caldas Sobrinho, comandante do batalhão de polícia, que tinha quatro filhos na escola, enviava a banda de música de sua corporação para abrilhantar as festividades.

Professores protestantes foram chamados a ocupar cargos importantes no sistema escolar do Estado, a convite das autoridades governamentais. Podemos nos referir ao trabalho do Rev. Jerônimo Gueiros como professor; à atuação de Sidrônio de Carvalho e Clotilde Fernandes de Oliveira, que dirigiram a escola-modelo do ensino público, o grupo escolar *Augusto Severo*, e ao papel de Leora James que, por muitos anos, foi diretora da *Escola Doméstica de Natal*.

N O T A S

- ( 1 ) O Sécuro, nº 4, 09. jun.. 1895. Grifos meus.
- ( 2 ) Idem, nº 24, 08. jan. 1896. Grifos meus.
- ( 3 ) Idem, nº 2, 20. mai. 1895. Grifos meus.
- ( 4 ) Livros de Atas da Igreja Presbiteriana de Natal, 30. abr. 1911; 19. mar. 1907; 02. jul. 1916; 07. abr. 1918; 17. jun. 1901; 09. nov. 1901; 26. jul. 1903; 22. dez. 1905; 13. nov. 1905; 06. out. 1907.
- ( 5 ) O Sécuro, nº 49, 14. nov. 1896. Grifos meus.
- ( 6 ) Idem, nº 37, 30. jun. 1896. Grifos meus.
- ( 7 ) JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 78, 91 ss. 142, 162, 171.
- ( 8 ) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris, dir. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978. p. 33.
- ( 9 ) Brazilian Missions, nov. 1890.

- (10) *The Missionary*, set. 1873. Grifos meus.
- (11) *The Missionary*, mai. 1897; set. 1897; ago. 1898; set. 1898; dez. 1901.
- (12) *The Missionary*, mai. 1904; *O Século*, nº 7, 18, fev. 1903; nº 23, 14. ago. 1904.
- (13) *The Missionary*, mai. 1906; jul. 1906; mai. 1907.
- (14) *The Missionary*, mai. 1905; jun. 1906; dez. 1901; set. 1904.
- (15) *The Missionary*, nov. 1901.
- (16) MENDONÇA, Antônio Gouvêa, *O celeste porvir*. p. 102.
- (17) Apud: VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1980. p. 262.
- (18) MENDONÇA, A. Gouvêa. Op. cit. p. 100.
- (19) *The Missionary*, mai. 1905.
- (20) Sidrônia de CARVALHO, em *The Missionary*, dez. 1901.
- (21) *The Missionary Survey*, mai. 1913. p. 530. Grifos meus.
- (22) OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Obra seleta*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1971. (Coleção Centenária). p. 444. Grifos meus.
- (23) Apud: HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 59.

CAPÍTULO V

A CRÍTICA PROTESTANTE À IGREJA

CATÓLICA ROMANA

A CRÍTICA PROTESTANTE À IGREJA  
CATÓLICA ROMANA

Se temos enfatizado a importância dos mecanismos de afirmação do protestantismo na sociedade do Rio Grande do Norte, é porque os protestantes que atuaram no estado, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, enfrentaram sérias dificuldades, oriundas da hostilidade da Igreja Católica Romana. Como visto no capítulo I, esta Igreja, com problemas de ordem interna (galicanismo X ultramontanismo, despreparo e insuficiência de clérigos) e dificuldades resultantes da sua nova relação com o Estado após a proclamação da República, encarava o protestantismo como séria ameaça à sua hegemonia, cada vez mais precária.

Assim, não é de admirar que a igreja protestante no Rio Grande do Norte, além de procurar se afirmar frente à sociedade secular, tenha dedicado considerável energia no combate ao catolicismo romano.

O veículo principal nessa tarefa foi a imprensa. O primeiro jornal protestante do Rio Grande do Norte, *O Pastor*, começou a circular em 1º de maio de 1893. Redigido pelo Prof. Joaquim Lourival Soares da Câmara, um dos primeiros convertidos ao protestantismo no estado, o jornal era publicado três vezes por mês. Apesar do fato de só ter circulado durante um semestre, foi um instrumento eficaz para a causa

protestante ao assumir sua defesa contra os ataques católicos, sobretudo as críticas do (Padre José Paulino nas colunas do *Diário do Natal*.) *procurar o jornal.*

Referência rápida deve ser feita a dois outros periódicos protestantes no período em estudo. O jornal *A Mensagem* apareceu em Natal em 20 de outubro de 1898 e teve pequena duração. Em 1908 surgiu outra folha: o jornal *Luz da Infância*, dedicada à sociedade de crianças "Filhos do Concerto", que fora criada na Igreja Presbiteriana de Natal, em 1907.

Vida mais longa e maior repercussão teria o jornal *O Século*. Seu primeiro número foi publicado em 11 de maio de 1895. Identificava-se como "Órgão da Associação Evangélica", sociedade civil constituída como condição estabelecida pelo Sr. Alexandre James O'Grady para doação de terreno à Igreja Presbiteriana de Natal. Abaixo do nome figurava a legenda: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura (S. Marc. 16:15). A partir de 28 de agosto de 1895 passou a identificar-se como "Órgão Evangélico no Norte do Brasil" e foi publicado em maior tamanho (30 X 45 cm). O editorial desse número assim explicou estas mudanças:

*A ótima aceitação que tem tido principalmente no exterior do Estado, o apoio do Presbitério e as palavras de animação que constantemente nos chegam, de diversas partes, nos impeliram a darmos-lhe novo formato, alargando suas colunas e aumentando-se, a fim de melhor comportar a matéria que sempre sobra, devido à exiguidade de espaço.[...]*

*O nosso programa continuará a ser o mesmo - propagar o Evangelho e bater o erro.*

*Proclamar a supremacia inconstestável do grandioso li-*

vro que serve de base, o fundamento da fê - a Bíblia.<sup>1</sup>

Os redatores de *O Sêculo* eram o Rev. William Calvin Porter, João Ferreira Nobre, o Coronel Joaquim Soares da Câmara e o Major José Alexandre Seabra de Mello. O jornal também recebia colaboração de diversos pastores, sobretudo os que trabalhavam pelo nordeste do país, como Juventino Marinho, Belmiro de Araújo César, Motta Sobrinho e Benjamim Marinho.

Em 1903 *O Sêculo* aparecia como "Órgão Evangélico Presbiteriano" e se tornaria hebdomadário. O Rev. Jerônimo Gueiros entrou para a sua redação em 1906, e no ano seguinte, com a transferência do Rev. Porter para o sul do país (Campinas, SP), veio a ser o principal responsável pelo jornal. Em 1908 o Presbitério de Pernambuco decide pela transferência da redação de *O Sêculo* para Garanhuns (PE).<sup>2</sup> Depois dessa transferência, nenhum outro órgão de imprensa ocupou o lugar que tinha na cidade.

Tomado no seu conjunto, a maior parte dos artigos de *O Sêculo* se constituem num único discurso em que a defesa do protestantismo é construída na base de um violento ataque ao catolicismo romano. Este é retratado como sustentáculo da antiga ordem, obstáculo à modernização do país, enfim, a antítese da liberdade, do progresso, da racionalidade e da civilização moderna.

É nesse sentido, por exemplo, que o jornal *O Sêculo* critica a Igreja Católica por afastar o povo da leitura das Escrituras Sagradas, tornando a sua interpretação direito exclusivo da Igreja. Em lugar da Bíblia - argumenta o jornal - o clero romano colocava a tradição, a lei canônica, as bulas papais e os cânones dos concílios, resultando daí um

volume muito maior de escritos e, portanto, susceptível de interpretações divergentes e até contraditórias. Eis um trecho característico:

*É inegável que os padres observam muito mais as suas tradições do que o ensino da Palavra de Deus. Daí a guerra que fazem à Bíblia; daí o empenho para impedir a sua leitura, e a força que fazem para arrebatá-la das mãos do povo e lançá-la às chamas. E tal tem sido a perversão das doutrinas das Escrituras que o ensino atual da igreja romana é um evangelho novo, constituindo os seus adeptos uma nova seita.<sup>3</sup>*

*Ora, a fim de evitar toda a objeção, a igreja romana diz que a Bíblia está sujeita a tantas interpretações que não pode ser guia infalível. Mas em lugar da Bíblia o que é que os papas oferecem ao povo? A tradição, a lei canônica, as bulas, os cânones dos concílios etc. Ora, a lei canônica abrange vinte volumes em fôlio; os cânones dos concílios constituem pelo menos quarenta e cinco volumes em fôlio; o bulário tem mais de vinte e quatro volumes.*

*Portanto temos aí quase noventa volumes em fôlio, em vez da Bíblia. Se a Bíblia, inspirada por Deus e contendo a sua vontade e lei, está sujeita a tantas interpretações, que diremos desses noventa volumes compostos por mil autores com mil intenções diversas em muitos concílios diferentes; não estarão eles sujeitos a mais de uma interpretação? Noventa volumes em fôlio. A teologia papista é pior que a torre de Babel. Se são precisos todos estes volumes para luz das gentes, está visto que os guias cegos do povo levá-lo-ão a um precipício.*

*Costumamos dizer que uma multidão de médicos dão de pressa passaporte ao doente, enquanto um bom médico o curaria; assim também a multidão de guias que a igreja romana tem, explica perfeitamente a confusão que reina no meio dos católicos.*<sup>4</sup>

Esses argumento eram apresentados de tal forma que apelavam àqueles que confiavam na capacidade individual e rejeitavam a idéia de que algumas pessoas, por causa da sua posição, têm o direito de estabelecerem a doutrina. O discurso de muitos liberais defendiam o direito de todos (ao menos teoricamente) terem iguais oportunidades. Na Igreja Católica Romana, como só alguns tinham acesso à leitura da Bíblia, ao povo estava vetado o contato com ela. Dando a todos os fiéis a possibilidade de acesso às fontes de fé cristã através da Bíblia, o protestantismo rompia a tradição da hierarquia católica romana, a qual centralizavam a transmissão da fé no ensino catequético.

Para aqueles que rejeitavam a rigidez doutrinária e o elitismo clerical da Igreja Católica Romana, o protestantismo apresentava uma imagem progressista que lhes era extremamente simpática. Em contraste com o ensino catequético, tão enfatizado pelo episcopado reformador no século XIX, a livre interpretação da Bíblia pelos fiéis se coadunava mais naturalmente com a exaltação do indivíduo e da liberdade pessoal.

A possibilidade de o fiel protestante ter contato direto com a base da fé era maior devido ao esforço das missões estrangeiras de difundirem a Bíblia em língua nacional. Anteriormente já vimos que esta estratégia foi também usada no Rio Grande do Norte, onde alguns indivíduos percorreram

diversas regiões do estado vendendo e doando Bíblias ou porções bíblicas, e folhetos protestantes.

Procurando estorvar a expansão protestante no Brasil, o clero católico romano passou a afirmar que os protestantes difundiam "Bíblias falsificadas". Seus argumentos em torno da aludida falsificação eram de que a Bíblia dos protestantes não estava completa pois dela tinham sido retirados alguns dos livros sagrados. Foram inúmeras as publicações de ambas as partes em torno desta polêmica.<sup>5</sup>

Os protestantes, por sua vez, argumentavam que a questão não era de "retirada" de alguns livros, mas de "inclusão". Ou seja, o Concílio de Trento havia proclamado a canonicidade dos livros chamados "apócrifos". Uma vez que os protestantes não reconheciam os "apócrifos" como de inspiração divina, as Bíblias que eram vendidas ou distribuídas por eles em seu trabalho não continham tais livros. Em 1896, O Século publicou uma série de artigos de W. E. Entzminger, defendendo o ponto de vista protestante. Afora argumentos de ordem doutrinária e histórica, o texto retrata a resolução da Igreja Católica Romana como autoritária, ao afirmar que foi resultado de um concílio das autoridades máximas da Igreja, do qual o povo esteve alheio. Não fora, neste caso, uma decisão democrática e liberal. Ao povo se impôs a canonicidade destes livros, a partir de uma assembléia cujos membros, em sua maioria italianos, estavam sob grande controle do papa. Diz o autor do artigo:

*Os bispos que se achavam presentes nesses concílio não representavam as diversas igrejas do orbe cristão. Ora ali não se achava nem um inglês, nem um alemão e, às vezes nem um francês, e, nunca, mais de dois. Os dois ou três gregos que ali assistiam não representavam a I*

greja Grega porque, eram simples visitas.

O concílio se compunha apenas de 48 bispos e 5 cardeais, e somente 30 deles tomaram parte nas discussões.

Aqueles padres eram em sua maioria italianos, alguns dos quais não representavam diocese alguma, tendo sido nomeados pelo papa unicamente para excederem à votação.

Os bispos que constituíam o dito concílio não eram livres em seus atos, porque, vassallos do papa tinham jurado que nada fariam contrário à sua vontade.

E os decretos estabelecidos por eles foram todos redigidos no Vaticano! O que originou o célebre dito popular: "O Espírito Santo vem de Roma a Trento uma ou duas vezes por semana, na mala do correio!"

Com efeito, a ilegalidade do concílio foi posta em dúvida, como o admite Pallavicino, por muitos dos seus próprios membros; e, além disso, quando foram publicados os seus decretos, diversas províncias e países católicos romanos, como Flandres, Nápoles, Espanha, Alemanha, França, Hungria, etc., rejeitaram-nos!! (Giannone, *Histoire civile du Royaume de Naples*, tomo IV, p. 235 etc.).<sup>6</sup>

Os protestantes também representavam a Igreja Católica Romana como interessada na exploração econômica do povo e isto se constituía numa das principais acusações que o Século lançava contra o catolicismo. Em vista das comemorações que se preparavam na cidade do Natal em homenagem a Nossa Senhora da Apresentação, padroeira local, os editoriais do jornal se ocupam do tema da idolatria e da acumulação de riquezas por parte da Igreja, e estampa em suas colunas:

O público natalense vai testemunhar um espetáculo do fanatismo romano, o culto, a adoração prestada ao Ídolo que denominam "padroeira do Natal". O povo prosélito, cego dessa idolatria, arranca dos seus sacrifícios, de suas economias somas lastimavelmente aplicadas ao culto pagão, muitas vezes precisas ao lar do pobre para matar a fome aos filhos, à orfã, à viúva, ao enfermo! [...]

O romanismo nada tem de espiritualismo, sabemos; é um galho apodrecido da árvore do Cristianismo, que murchou à falta de seiva, [...] desviado tristemente do tirocínio traçado pela Palavra de Deus, caiu no culto dos Ídolos!<sup>7</sup>

A Igreja Católica é também acusada de hipocrisia devido ao fato de solicitarem contribuições para essas festividades de "materialistas" e dos membros da maçonaria, não obstante esta sociedade estar condenada por bula papal e seus membros serem expulsos dos templos católicos.

Algumas práticas da Igreja Católica Romana são interpretadas pelo jornal protestante como um meio do qual o clero lançava mão para obter dinheiro. O pagamento de missas foi alvo constante de suas setas incendiárias. A missa é chamada de "solene impostura", "o grande comércio", que traz "o lucro mais real e positivo" para os ministros romanos. Em Natal, na época da festa da padroeira da cidade, uma imagem percorria as ruas, de casa em casa, para devoção dos fiéis. Um editorial de *O Século* vê nesta prática apenas modo de granjear dinheiro: "Os fanáticos da imagem do Rosário já percorrem as ruas, de capa branca e gola azul, oferecendo de porta em porta um idolozinho para por meio do beijo adquirir DINHEIRO, sim DINHEIRO, a grande alma do Romanismo!"<sup>8</sup> Também

em versos o jornal investia contra as ambições do clero pelas riquezas, e o "comércio" praticado com objetos sagrados, especificamente a venda de escapulários:

*A cruz mercada o retalho  
Com o nome de - Santo Lenho,  
Claro mostra qual o empenho  
Do apostolado atual,  
Que, em sua rapacidade,  
A própria Virgem Maria  
Reduz a mercadoria  
No bazar pontifical. [...]  
Cristo é Deus; o papa, um homem,  
Cristo é o bem, ele, o interesse,  
A Deus são apraz a prece;  
Ao papa são o ouro apraz,  
Deus perdôa, ele excomunga!  
Numa palavra explicada:  
Deus dá tudo e não quer nada,  
Ele tem tudo e quer mais.<sup>9</sup>*

Ao retratar a Igreja Católica Romana como uma instituição que consegue lucrar materialmente através da exploração da fé do povo, *O Século* traz implícito no seu discurso a idéia de que o acúmulo de bens deveria ser resultado do trabalho diligente, do esforço pessoal e da capacidade produtiva do indivíduo, e não de leilões e coletas. Nesse sentido o jornal se torna um veículo para propagar a valorização do trabalho, cuja idealização já fazia parte do discurso das classes médias e de segmentos da classe dominante pós-escravista empenhados na tarefa de arregimentar e disciplinar a mão-de-obra livre.

Assim, ao exortar os seus leitores a abandonarem a religião romana, *O Século* ressalta a figura do papa como "um homem infalível e santo, que passa a sua vida na ociosidade, no seio das honras e das riquezas". E para mostrar a riqueza papal, o jornal se refere a 1.718 servidores diretos do Papa Leão XIII, ironicamente tratado como "paupérrimo".<sup>10</sup> A exemplo do papa, também "os padres amontoam tesouros, vivendo vida farta e regalada, possuindo herdades e palácios!"<sup>11</sup>

Colocados num contexto de uma sociedade recém-saída de um regime escravocrata, no qual o trabalho é desprezado e a ociosidade vista como símbolo do homem livre, este e outros artigos, que retratavam a Igreja Católica e seu clero como instituição que se enriquece sem trabalho e vive na ociosidade no meio de riquezas, reforçam a imagem da Igreja como instituição retrógrada, responsável pelos males que afligem o país.

Outro ponto de ataque dos protestantes ao catolicismo, que também estava em consonância com a ideologia modernizante daqueles segmentos sociais que buscavam novos valores e normas de conduta que se conformassem com aqueles dos países avançados, foi o culto dos santos. Para o protestantismo o culto aos santos era o produto da influência do paganismo no seio do cristianismo. A multiplicidade de deuses e o costume pagão de deuses tutelares perpetuavam-se nos padroeiros das nações ou cidades, bem como deuses que cuidavam de aspectos específicos. O jornal *O Século* publicou que "há na igreja do papa santos para cada dor e miséria humana; santos para dor de dentes, dor de ouvido, dor no peito, nos lábios, e toda espécie de enfermidade humana".<sup>12</sup> Essas críticas protestantes se coadunavam com as idéias daqueles que se opunham às práticas do "favor". A intercessão dos santos

e a prática de "promessas" pressupõem a concessão de favores por parte daqueles aos que lhes são "devotos", transferindo-se, neste caso, para o âmbito religioso o clientelismo da sociedade secular. O fiel deve "fidelidade" ao santo, cumprindo suas promessas e as obrigações do culto do santo, enquanto que este lhe "recompensa" com graças. Fica implícito que, para o jornal, a posição do indivíduo deveria ser resultado do esforço e das capacidades pessoais, e não fruto de sorte, "proteção" ou "favoritismo", mesmo por parte de uma divindade. Neste contexto se pode igualmente enquadrar a censura dos protestantes ao uso de rosários, bentinchos e cruzes pendentes por parte dos católicos romanos.

Por outro lado a atribuição de poderes aos santos para a cura de certas enfermidades não se harmonizava com o racionalismo pregado pelos segmentos "progressistas" da sociedade. A fé que depositavam na ciência como capaz de solucionar todos os problemas do homem induzia-as a ver tais crenças nos santos como superstição, algo contrário à razão e, portanto, rejeitável.

As críticas à doutrina da infalibilidade papal, da mesma forma, se encaixam neste contexto de exaltação racionalista, pois o racionalismo pressupõe a possibilidade de questionamento, de discussão, de argumentação, que, no caso, fica descartada. A idéia da infalibilidade papal traz consigo a "obrigatoriedade" de se aceitar o que é por ele declarado, sem pôr em dúvida, sem discutir racionalmente. Isto é incompatível com a confiança na razão e no método científico, como instrumentos para estabelecer a verdade. Eis um trecho do jornal *O Século* sobre este tema:

*As Sagradas Escrituras as repelem; a razão as nega.*

*Correm os prosélitos para o esconderijo escuro e profundo da tradição, mas até esta com todas as adulterações bate a porta a essa infalibilidade absurda, incoerente, que não cabe mais nos cérebros que recebem a luz da civilização, onde o fanal belo e radiante do Evangelho esparge os raios de sol de ouro, que reflete no espelho das águas e no azul dos céus - esta tela primorosa traçada pelo Filho de Deus: "Eu sou a luz do mundo!"<sup>13</sup>*

O jornal *O Século* também criticava algumas doutrinas da Igreja Católica, de forte conteúdo místico, que contrastavam com o protestantismo. Podemos nos referir ao dogma da imaculada concepção de Maria e à doutrina da transubstanciação do pão e do vinho na Eucaristia. Mais despojado de elementos místicos, o protestantismo seria uma expressão religiosa mais apropriada às mentalidades racionalistas e secularizadas.

Quanto ao aspecto do culto propriamente dito, o catolicismo romano, de acordo com *O Século*, mantinha uma forma extremamente ritualista, celebrada em latim, e cercada de todo o aparato sacramental e litúrgico: vestes sacerdotais, velas, incenso, água benta, paramentos. Estas expressões no culto, ausentes das modalidades de protestantismo que predominaram no Rio Grande do Norte, eram severamente criticadas nas páginas do jornal. Este despojamento na doutrina e na liturgia do protestantismo o qualificariam para sobreviver num mundo em processo de secularização.<sup>14</sup>

Os protestantes também representavam o papado como interessado em exercer um poder temporal internacional, reinando sobre os potentados do mundo.<sup>15</sup> Em um trecho do jornal

*O Sécuro* é afirmado:

*Cristo disse que o reino dele não era deste mundo e recusou o lugar de juiz em uma questão civil. Roma vive reclamando para o seu chefe não sô o domínio universal sobre a consciência mas também o poder temporal para impor com a força bruta o que os seus dogmas não fazem.*<sup>16</sup>

No contexto brasileiro estas idéias se harmonizavam com o pensamento nacionalista dos líderes republicanos, que procuravam despertar os brios nacionais e mobilizar as forças sociais para a construção do projeto republicano. Este nacionalismo se ressentia de influências estrangeiras e as pretensões atribuídas ao papado de desejar exercer o poder secular certamente não eram bem vistas pelos republicanos nacionalistas.

Neste sentido o jornal *O Sécuro* levanta acusações de que os sacerdotes católicos romanos se opunham às instituições republicanas e tramavam contra elas. Os padres são acusados de pregarem contra o casamento civil, instituído pela legislação republicana. O jornal também se ocupa diversas vezes em noticiar um fato ocorrido no Rio de Janeiro, quando um padre recusou-se a cobrir o catafalco de um guarda-marinha com a bandeira republicana. Este "caso da Candelária", porque ocorrido na igreja deste nome, serve para acusar os padres católicos de antipatriotismo. O referido periódico igualmente noticia que em Juiz de Fora os frades rasgaram o dístico "Ordem e Progresso" da bandeira nacional, colocado ali por influência da filosofia positivista, de caráter fortemente anticlerical. Este comportamento antipatriótico, de que o clero romano é acusado, estaria também revelado no pro

testo feito pelos padres à instituição do sorteio para o serviço militar, do qual não estavam isentos. Na opinião do referido jornal:

*O sorteio militar, dadas às condições do nosso exército atualmente, é uma necessidade. Negar-lhe-ão a utilidade apenas aqueles cujo maior gozo e glória é ver o organismo da pátria corrompido, infectado pelas moléstias morais que, de presente, a estragam.*

*Não se concebe a existência dum grande país, como o nosso, permanecendo os seus filhos na mais lamentável ignorância dos misteres das armas.[...]*

*O Brasil se militariza para se manter na altura da posição indisputável que ocupa na América e os demais países.<sup>17</sup>*

Devemos avaliar estas opiniões dentro do contexto geral da instabilidade sob o qual viveu a República nos seus primeiros anos. Na imprensa veiculavam-se notícias de conspirações monarquistas. Pairavam no ar ameaças de deposição do presidente Prudente de Moraes. Circulavam boatos a respeito de um próximo golpe de Estado. Nas próprias fileiras republi<sup>u</sup>canas não havia unanimidade. As derrotas sofridas pelas expedições governamentais contra Canudos reforçavam as opiniões de que este movimento estava aliado aos monarquistas.<sup>18</sup> Neste ambiente, a crítica levantada por elementos da Igreja Católica à República podia facilmente ser identificada com o movimento monarquista. E aos protestantes interessava retratar o catolicismo romano como uma instituição retrógada. Este esforço dos protestantes era facilitado pelo comportamento do clero reformador de orientação ultramontana e conserva<sup>u</sup>dora que se dedicava exclusivamente ao aspecto religioso do seu ministério, e se abstinha da participação política.

Neste caso os protestantes, engajados desde a época do Império com as forças liberais e republicanas, procuravam atrair as simpatias dos segmentos sociais tidos como progressistas. Aqueles se representavam como liberais e tolerantes, ao mesmo tempo que definiam a Igreja Católica Romana como intolerante, autoritária e dogmática, que sempre usava da força e do dogma, em vez de persuasão e da razão, para fazer prevalecer seus direitos e suas opiniões. Assim a intolerância e as perseguições eram sempre lembradas pelos protestantes em seus ataques, como neste trecho do pastor Juventino Marinho:

*Quem é a Igreja de Roma, porém, para vir falar de sangue e de crueldades? Aí está a história a bradar-lhe de rijo: cala-te, indiscreta, olha para teus vestidos e vê como se acham manchados de sangue dos albigenses, dos lolardos, dos huguenotes e outros! Contempla os rios de sangue que derramaste pela França, Espanha, Holanda, Inglaterra, Irlanda e outros países! Não te esqueças do massacre de S. Bartolomeu, que ocasionou a ordem de teu chefe para um jubileu em ação de graças! Por isso o historiador Gibbon diz que derramaste muito mais sangue cristão do que Roma pagã! Olha e vê teus braços ainda chamuscados pelas chamas quando lançavas milhares de vítimas nas fogueiras da Inquisição que ateaste. Ainda está fresca na memória dos estudantes da história do Brasil a bravura do teu mui digno apóstolo José de Anchieta em servir de carrasco no suplício do ministro Jean Bolés. Cala-te, pois, e esconde-te porque em crueldade ninguém jamais te igualou desde que há mundo.<sup>19</sup>*

Entre os agentes da intolerância o Tribunal do San

to Ofício era sempre lembrado. O jornal *O Século* traz um minucioso relato dos instrumentos de tortura que um general de Napoleão conhecera na casa de Inquisição, em Toledo. Segundo o relato, os "horrores desta instituição bárbara" podem ser avaliados somente pelo número de vítimas de um único inquisidor: Torquemada, que "teve a glória nefanda de vitimar 114.000 infelizes na Espanha".<sup>20</sup>

Assim a Igreja Católica é apresentada como antítese do liberalismo, da tolerância, do progresso:

*A igreja papista fala-nos a cada momento de sua unidade; porém onde estão a sinceridade, a verdade, a caridade, a retidão e a santidade?*

*A unidade!... E por que preço estabeleceu a Igreja papista a sua? Pelo preço das almas que tem subjugado; das consciências que tem pervertido; da liberdade dos povos, que sempre tem combatido, das revoluções que tem fomentado; das muitas lágrimas e torrentes de sangue que tem feito verter... e hoje que não pode fazer derramar mais, se esforça por aniquilar o progresso das sociedades humanas, Vãos esforços e ridículas pretensões! [...]*

*Agora uma palavra aos nossos compatriotas, a quem os falsos ministros de Cristo têm imbuído com suas falsas tradições. Sacudi quanto antes esses jugo ignóbil do clericalismo; repeli as tradições e adêri ao puro Evangelho de Jesus, aonde encontrareis não somente a santificação das vossas almas, mas também o anátema para todos os tiranos da consciência; ali não encontrareis estabelecido, em proveito dos sacerdotes, um direito inquisitorial que se exerça sobre a consciência de vossas mulheres e vossos filhos, e que lhes arranque com*

*uma linguagem impura até os próprios segredos do leito conjugal; ali não encontrareis tampouco a instituição das missas, inventadas pelos chefes da seita papícola [sic], nem conventos para a ociosidade, nem purgatório, nem imagens, nem indulgências, nem relíquias, nem nenhuma dessas coisas que os especuladores da religião de Cristo têm descoberto. [...]*

*A igreja romana, por exemplo, ostenta o nome de Cristo, e em vez de permitir a liberdade de pensamento e ação como Cristo fez, ela profere os seus anátemas sobre todos os que não seguem os seus dogmas.<sup>21</sup>*

O conservadorismo da Igreja Católica Romana é outro alvo dos ataques protestantes. Ao retratar o catolicismo como partidário de tradições, o protestante reforçava a idéia de conservadorismo dessa instituição. Ao mesmo tempo procurava convencer segmentos da sociedade ligados ao processo de "modernização" que a Igreja Católica servia de sustentáculo às estruturas da sociedade tradicional, dando legitimidade ao "status quo".<sup>22</sup> De acordo com *O Século* este conservadorismo se manifestava na pregação e na administração dos sacramentos - especialmente pela confissão - onde o corpo clerical estava sempre lembrando à população as normas a serem seguidas e os castigos reservados aos seus transgressores. Num artigo assinado pelo Dr. Adolpho Possolio se reflete este pensamento:

*A confissão é a base da igreja romana, é a arma de combate com que o papa e o seu exército negro de abutres domina a mulher, domina o lar, domina a sociedade, domina a nação, domina o mundo.*

*Ela não existia nos tempos primitivos da igreja romana. Ela não foi aconselhada pelos livros sagrados da*

religião católica, não foi estabelecida por Jesus, o doce rabino da Judéia.

Não! A confissão foi se intrometendo aos poucos gradualmente, e tomou grande incremento quando começou a ser retribuída, nos primeiros tempos da Igreja, com uma moeda apenas. Mais tarde a cobiça lembrou ao clero romano que insinuações "in extremis" para que nessa hora solene os seus sacerdotes exigissem dos confessados o legado de suas fortunas aos seus conventos ou igrejas. [...]

É a confissão que leva as riquezas enormes para os cofres das associações religiosas, para os cofres do Vaticano, lugares em que a orgia de Sodoma e Gomorra teria pejo de frequentar. [...]

A confissão é inimiga da liberdade social pela tutela que estabelece sobre os membros por parte do clero católico. Ela chega a conhecer os mais secretos pensamentos que o cérebro humano pode gerar, ainda que a esse conhecimento se oponha o natural pudor, sentimento inato em qualquer indivíduo da espécie humana.<sup>23</sup>

O aspecto anti-romanista do protestantismo brasileiro, que encontramos tão amiúde no jornal *O Século*, continuará sempre presente e, ainda hoje, é um traço marcante de sua própria identidade. "É necessário reconhecer - afirma Rubem Alves - que esta interpretação não surgiu do nada. Ela tem, atrás de si, uma experiência amarga de sofrimento e perseguições. Se os protestantes enveredaram por uma linha apologético-polêmica, pela que se recomendam ao povo e às autoridades como os catalistas da democracia e do progresso, e denunciam o Catolicismo como ideologia totalitária responsável pelo atraso dos povos, isto se deve ao fato de que a hier

rarquia católica, no passado, apresentou o Catolicismo como o baluarte da ordem social e o Protestantismo como um fator de desintegração".<sup>24</sup>

Portanto, ameaçado pelas pressões da religião dominante, que constantemente colocavam em risco sua existência, o protestantismo brasileiro desenvolveu um forte sentido de coesão social para melhor garantir sua sobrevivência. E como minoria oprimida, encontrava no anti-romanismo um elemento definidor de sua identidade e um fator da necessária coesão social. Esta minoria, desde os seus primórdios no Brasil, sempre se entendeu como uma antítese do catolicismo romano.

## N O T A S

- ( 1 ) O Séc<sup>o</sup>lo, n<sup>o</sup> 11, 28. ago. 1895.
- ( 2 ) Assumindo sozinho a igreja de Natal, o trabalho do jornal e envolvendo-se no magistério secular, O Rev. Jerônimo Gueiros adoeceu gravemente em 1908 e foi obrigado a um período de repouso em Garanhuns. Ali continuaria a dirigir o jornal, contando com o auxílio dos estudantes de teologia do seminário presbiteriano recém-fundado pelo Presbitério de Pernambuco.
- ( 3 ) O Séc<sup>o</sup>lo, n<sup>o</sup> 24, 08. jan. 1896.
- ( 4 ) Idem, n<sup>o</sup> 33, 25. abr. 1896.
- ( 5 ) Sobre isto ver: RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo brasileiro: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981. p. 141 ss.
- ( 6 ) O Séc<sup>o</sup>lo, n<sup>o</sup> 32, 31. mar. 1896.
- ( 7 ) Idem, n<sup>o</sup> 14, 28. set. 1895. Grifos meus.
- ( 8 ) Idem, n<sup>o</sup> 15, 10. out. 1895.
- ( 9 ) Idem, n<sup>o</sup> 11, 28. ago. 1895.

- (10) Idem, nº 1, 11. mai. 1895. Grifos meus.
- (11) Idem, nº 9, 30. jul. 1895. Grifos meus.
- (12) Idem, nº 22, 21. dez. 1895.
- (13) Idem, nº 30. 07. mar. 1896.
- (14) Entendemos por secularização o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. No Brasil manifesta-se na retirada da Igreja Católica de áreas que estavam sob seu controle ou influência: separação entre Igreja e Estado, emancipação da educação do poder eclesiástico, instituição do casamento civil. Observa-se também um declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia e na literatura, e a ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular. Ver: BERGER, Peter. *O dos sel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985. (Sociologia e religião, 2). p. 119 e 124-125.
- (15) O Século, nº 34. 09. mai. 1896.
- (16) O Século, nº 19, 23. nov. 1895. Grifos meus.
- (17) Idem, nº 45, 21. nov. 1908.
- (18) Um quadro mais completo destas questões pode ser encontrado em: JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- (19) O Século, nº 18, 12. nov. 1895.
- (20) Idem, nº 10, 10. ago. 1895; nº 11, 28. ago. 1895.

- (21) Idem, nº 21, 10. dez. 1895; nº 19, 23. nov. 1895.
- (22) Acerca do papel desempenhado pela Igreja ver: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985. p. 150 ss.
- (23) O Século, nº 41, 12. ago. 1896.
- (24) ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo, Ática, 1979. p. 234.

CONCLUSÃO

## CONCLUSÃO

O nosso estudo visou elucidar um caso particular da inserção do protestantismo no Brasil: a implantação desta forma religiosa no Rio Grande do Norte. O sucesso da propaganda protestante e a instalação definitiva do protestantismo no país estão ligados às transformações pelas quais passava a sociedade brasileira na segunda metade do século XIX.

O processo de crescimento urbano, o aumento do aparelho burocrático do Estado, a ampliação da classe média criam um ambiente propício à difusão e à aceitação do protestantismo em alguns setores da sociedade brasileira. Considerando estas mudanças em termos de Rio Grande do Norte, constatamos que a igreja protestante responde a certas necessidades religiosas dos grupos emergentes e ligados ao processo de transformação social na medida em que confere legitimação religiosa a todo um sistema de valores e práticas, tais como o individualismo e o liberalismo. Servindo de suporte religioso é moral de certas aspirações da classe média, o protestantismo reforça o comportamento daqueles setores interessados na mudança social que adequasse o Brasil ao novo quadro do capitalismo internacional.

Pondo em execução uma estratégia que em nada se diferenciava nos seus traços gerais daquela aplicada em outras partes do país à época, o protestantismo favoreceu os

processos de mudança que se desenvolvia no seio da sociedade brasileira, ao pregar o individualismo, o rompimento com o passado e a determinação da posição individual tendo por base as conquistas de cada pessoa. Deste modo o protestantismo vinha ao encontro de anseios presentes na sociedade e preenchia algumas das suas aspirações, favorecendo assim a implantação e o desenvolvimento das crenças e igrejas protestantes.

A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte foi igualmente favorecida pelo fato de esta forma religiosa possuir um sistema de valores que se harmonizava em muitos aspectos com aqueles aceitos por alguns setores da sociedade brasileira. Sentindo a necessidade de afirmar a sua presença na sociedade e legitimar-se como religião, os protestantes norte-rio-grandenses procuraram enfatizar estes pontos de harmonia, apresentando-se como defensores do progresso nacional e engajados às forças republicanas e liberais.

Também através de uma atuação no campo educacional a igreja protestante procurou afirmar sua presença na sociedade norte-rio-grandense, na medida em que atraía elementos que, não sendo protestantes, se interessavam pelo ensino ministrado nas escolas evangélicas, com métodos tidos como mais modernos. Isto reforçava a imagem progressista que os protestantes buscavam apresentar à sociedade.

Por outro lado, as escolas foram canais de transmissão do sistema de valores aceito pelo protestantismo que, como já realçamos, ao se harmonizar com certos valores da sociedade global, favorecia o enraizamento desta forma religiosa no Rio Grande do Norte.

Finalmente em seu relacionamento com a religião do minante no Brasil, o catolicismo romano, o protestantismo se lança por uma linha apologético-polêmica, em conseqüência da hostilidade enfrentada da parte de Igreja Católica durante esta fase de implantação. O anticatolicismo se impõe como elemento definidor da igreja protestante, que despende considerável energia no ataque ao catolicismo romano. Interessados em conquistar adeptos, ou ao menos simpatizantes de sua causa, os protestantes procuram mostrar a Igreja Católica como retrôgada, conservadora e antiliberal, servindo de sustentáculo da velha ordem e obstaculizando o "progresso" e a "modernização" do Brasil.

Tendo em vista as limitações inerentes a este trabalho, algumas questões surgidas durante a sua elaboração não puderam ser respondidas. Preocupamo-nos em definir os termos do relacionamento com a Igreja Católica Romana, porém não se traçou o quadro das relações da igreja protestante no Rio Grande do Norte com outras formas "religiosas" que penetraram no Brasil à mesma época, tais como a maçonaria, o positivismo e o espiritismo.

Também há campo para discutir a tese da relação entre a expansão missionária protestante e o imperialismo norte-americano, em termos de Rio Grande do Norte.

É evidente que a doutrina cristã trazida pelo protestantismo para o Brasil veio muito naturalmente dentro de uma "roupagem" anglo saxônica, facilmente perceptível ainda hoje nas chamadas "denominações históricas". Merece estudo este processo de implantação do protestantismo e as dificuldades de sua aculturação no Brasil, de modo a traduzir a mensagem nos termos da cultura nacional e expressar as práticas religiosas em formas não-alienígenas.

Enfatizamos a estreita vinculação do presbiterianismo com as classes médias e os setores modernizantes da sociedade brasileira. Outros estudos poderiam abordar o relacionamento do presbiterianismo e das diversas modalidades protestantes com os outros estratos da sociedade.

As limitações do presente trabalho não permitiram também o estudo da visão que teve dos protestantes a Igreja Católica Romana, no Rio Grande do Norte, no período em estudo.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

Jornal *O Sécuro*. Natal, 1895-1909.

Jornal *Norte Evangélico*. Garanhuns, 1909-1910.

Revista *The Missionary*. Nashville (EUA), 1873-1909.

Revista *Brazilian Missions*. New York (EUA), 1888-1891.

Revista *The Missionary Survey*. Virgínia (EUA), 1909-1923.

Revista *The Church at Home and Abroad*. Filadélfia (EUA),  
1892-1898.

Livros de Atas da Igreja Presbiteriana de Natal (1896-1920).

Livros de Atas do Presbitério de Pernambuco (1888-1902).

Registro de Membros da Igreja Presbiteriana de Natal (1896-  
1906).

### LIVROS E ARTIGOS

ALVES, Rubem A. *Protestantismo e repressão*. São Paulo. Ática, 1979. (Ensaio, 55).

- \_\_\_\_\_. **Dogmatismo e tolerância.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1982. (Libertação e teologia, 18).
- AZEVEDO, Israel Belo de. **As cruzadas inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina.** Rio de Janeiro, Ed. Gêmeos, 1980
- AZZI, Riolando. **Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução história do Brasil. Religião e sociedade.** São Paulo, Centro de Estudos de Religião, 1 (1): 125-149, mai. 1977.
- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. (Retratos do Brasil, 87).
- BARROS, Roque Spencer M. de. **Vida religiosa.** In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, dir. **O Brasil monárquico: declínio e queda do Império.** São Paulo, Difel, 1974. (História Geral da Civilização Brasileira, 6).
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1985. (Col. Sociologia e religião, 2).
- BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **A igreja na república.** Seleção e introdução: Anna Maria Moog Rodrigues. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981. (Biblioteca do Pensamento Político Republicano, 4).
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de, org. **Católicos, protestantes, espíritas.** Petrópolis, Vozes, 1973.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** [Rio de Janeiro], Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, [1955].
- \_\_\_\_\_. **O livro das velhas figuras: pesquisas e lem-**

**branças na história do Rio Grande do Norte.** Natal, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1974-1981, 5 v.

\_\_\_\_\_. **História da cidade do Natal.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL; Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Retratos do Brasil, 145).

CÉSAR, Waldo A., ed. **Protestantismo e imperialismo na América Latina.** Petrópolis, Vozes, 1968. (Questões Abertas, 5).

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia do protestantismo brasileiro.** Petrópolis, Vozes, 1973.

COMISSÃO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA (CEHILA). **Para uma história da igreja na América Latina: marcos teóricos.** Petrópolis, Vozes, 1986.

CORTEZ, Natanael. **Os dois tributos: a César, a Deus.** Recife, Liv. e Gráf. Ediprês, 1965.

COSTA, Emília, Viotti da. **Urbanização do Brasil no século XIX.** In: \_\_\_\_\_. **Da monarquia à república: momentos decisivos.** São Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. (Estudos Brasileiros, 13).

EPISCOPADO BRASILEIRO. **Pastoral coletiva.** Rio de Janeiro, Tip. Montenegro, 1890.

\_\_\_\_\_. **Pastoral coletiva.** São Paulo, Escola Tipográfica Salesiana, 1900.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Galeria evangélica: biografia de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil.** São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1952.

- \_\_\_\_\_. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil.**  
São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1959, 2 v.
- GARCIA, Aglâia. **O missionário de cabelos brancos: biografia de William Calvin Porter.** Cópia dactilografada. Trabalho não publicado.
- GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1973.
- GUEIROS, Jerônimo. **Projeções de minha vida: letras, história e controvérsia (1901-1951).** Recife, [s. c. p.], 1951.
- HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e educação brasileira: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico.** São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1985.
- HAUCK, João Fagundes, et alii. **História da igreja no Brasil: segunda época: a igreja no Brasil no século XIX.** Petrópolis, Vozes, 1980. (Hist. Geral da Igreja na América Latina, t. II/2).
- HENRIQUES, Aducto A. de Miranda, Dom. **Pastoral Paraíba.** [s. l.], Tipografia d'Imprensa, 1929. (Col. Doutrina contra Doutrina).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800).** Petrópolis, Vozes, 1978.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos E.U.A.: nós, o povo.** São Paulo, Brasiliense, 1978.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os subversivos da república.** São Paulo, Brasiliense, 1986.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** Rio de Janeiro,

ro / São Paulo; JUERP / ASTE, 1981.

LESSA, Vicente Themudo. **Annaes da la. egreja presbyteriana de São Paulo, 1863 -1903: subsídios para a história do presbyterianismo brasileiro.** São Paulo, [s. c. p.], 1938.

\_\_\_\_\_. Anais da imprensa evangélica. **Revista de cultura religiosa.** São Paulo, [s. c. p.], 3 (1, 2, 3, 4, 5 e 6): 91-441, 1925.

MARIA, Júlio, pseud. **A igreja e a república.** Introdução de Anna Maria Moog Rodrigues. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981. (Biblioteca do Pensamento Republicano, 9).

MARIZ, Marlene da Silva. **A Revolução de 1930 no Rio Grande do Norte (1930 -1934).** Recife, Universidade Federal de Pernambuco; Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo do Brasil.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1984, (Estudos e debates latino-americanos, 10).

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Obra seleta.** Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1971. (Col. Centenária).

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1985.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política.** In: FAUSTO, Boris, dir. **O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889 -1930).** Rio de Janeiro, Difel, 1978. (História Geral da Civilização Brasileira, 9).

- RAMOS, Jovelino Pereira. Protestantismo brasileiro: visão panorâmica. **Revista Paz e Terra**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 6 (2): 73-94, abr. 1968.
- READ, William R. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. Campinas, Liv. Cristã Unida, [s. d.].
- REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo, ASTE, 1984.
- RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo, Pioneira, 1973. (Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros).
- \_\_\_\_\_. **Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo, Casa Ed. Presbiteriana, 1981.
- RIBEIRO, Domingos. **Origens do evangelismo brasileiro**. Rio de Janeiro, Est. Graf. Apollo, 1937.
- \_\_\_\_\_. **História da igreja cristã presbiteriana do Brasil: introdução**. Rio de Janeiro, [s. c. p.], 1940.
- RODRIGUES, José Carlos. **Religiões acathólicas no Brasil, 1500-1900**. Rio de Janeiro, Escriptorio do "Jornal do Comercio", 1904. (Memória do "Livro de Centenario" de 1900).
- SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo, T. A. Queiróz, 1984. (Biblioteca básica de ciências sociais; série 1: Estudos brasileiros, 6).
- \_\_\_\_\_. **A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (Estudos brasileiros, 86).

- SALDANHA, Nelson. Rui Barbosa e o bacharelismo liberal. In: CRIPPA, Adolpho, coord. **As idéias políticas no Brasil**. São Paulo, Ed. Convívio, 1979, v. 1.
- SALVADOR, José Gonçalves, et alii. **O catolicismo romano: um simpósio protestante**. São Paulo, ASTE, [ s. d.].
- SCHWARZ, Roberto. As idéias fora de lugar. **Estudos CEBRAP**. São Paulo, CEBRAP /Ed. Brasileira de Ciências, (3): 149 - 161, jan. 1973.
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- TAWNEY, R. H. **A religião e o surgimento do capitalismo**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971 (Col. Debates, 38).
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1980. (Col. Temas Brasileiros).
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. (Biblioteca de Ciências Sociais).